

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE ARTE E COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CULTURA E TERRITORIALIDADES

JULIANA DE ALMEIDA SILVA SAMPAIO

O Memorial Zumbi como dispositivo de análise do território negro

Niterói
2021

JULIANA DE ALMEIDA SILVA SAMPAIO

O Memorial Zumbi como dispositivo de análise do território negro

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Territorialidades, da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Cultura e Territorialidades.

Orientador: Prof. Dr. Denilson Araujo

Niterói
2021

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

S192m Sampaio, Juliana de Almeida Silva
O Memorial Zumbi como dispositivo de análise do território negro / Juliana de Almeida Silva Sampaio. - 2023.
94 f.: il.

Orientador: Denilson Oliveira.
Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Niterói, 2023.

1. Território Negro. 2. Memorial Zumbi. 3. Produção intelectual. I. Oliveira, Denilson, orientador. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

*Ofereço-te Exu
o ebó de minhas palavras
(Padê de Exu Libertador – Abdias do Nascimento)*

AGRADECIMENTOS

Agô

Agradeço aos meus ancestrais, aqueles que eu não vejo e aqueles que se mostram a mim quando necessário. Aos que encantaram, aos que sobreviveram e aos que lutaram para que eu pudesse trilhar meu caminho

Minha mãe Ana Maria que agora é uma ancestral, obrigada por sempre me apoiar.

A minha comunidade “Centro Espirita Nossa Senhora da Guia”, por ser minha base de sustentação nos desafios da vida.

Agradeço a Exu Mulher, quem primeiro me disse que esse trabalho seria possível e quem me leva aos lugares onde eu devo estar.

A todos os amigos e amigas que me acompanharam e me fortaleceram na caminhada acadêmica.

A todos os professores da minha trajetória educacional.

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo apresentar o “Centro Cultural Memorial Zumbi” em Volta Redonda-RJ, na compreensão de um território negro que está inserido no bairro Vila Santa Cecília, um bairro central da cidade. Utilizaremos os conceitos da afrocentricidade: Agência, localização, conscientização e o papel de desagência, como base para analisar diferentes narrativas que engendram o Memorial Zumbi. Através do método cartográfico traçamos caminhos de escuta e observação dos elementos que constitui o Memorial Zumbi um território negro, principalmente como um espaço que contribui na formação da identidade negra na cidade de Volta Redonda e na análise de sua estrutura física. A população negra vive historicamente em um processo de exílio racial e territorial em Volta Redonda, as categorias raciais foram demarcadas no processo de industrialização. Seja na construção dos bairros ou das proibições dos negros de acessarem alguns espaços da cidade, na década de oitenta e noventa. A partir das exclusões dos corpos negros na cidade, o movimento negro se fortaleceu em Volta Redonda no Clube Palmeares, enquanto um lugar para negros. Os espaços como o Memorial Zumbi, tem a capilaridade de disputar a cidade em uma narrativa negra, de ser um lugar negro. O Memorial Zumbi é um dispositivo de reivindicação da nacionalidade afro-brasileira.

Palavras chaves: Território Negro, Afrocentricidade, Identidade Negra

ABSTRACT

This dissertation aims to present the "Centro Cultural Memorial Zumbi " in Volta Redonda-RJ, in the understanding of a black territory that is located in the Vila Santa Cecilia neighborhood, a central neighborhood of the city. We will use the concepts of Afrocentricity: Agency, location, awareness and the role of disagency, as a basis to analyze different narratives that engender Memorial Zumbi. Using the cartographic method, we trace paths of listening and observation of the elements that make Memorial Zumbi a black territory, mainly as a space that contributes to the formation of black identity in the city of Volta Redonda and the analysis of its physical structure. The black population has historically lived in a process of racial and territorial exile in Volta Redonda, racial categories were demarcated in the industrialization process. Whether in the construction of neighborhoods or the bans on black people from accessing some spaces in the city, in the eighties and nineties. Following the exclusion of black bodies in the city, the black movement grew stronger in Volta Redonda at Clube Palmeares, as a place for black people. Spaces like Memorial Zumbi have the capillarity of contesting the city in a black narrative, of being a black place. The Zumbi Memorial is a device for claiming Afro-Brazilian nationality.

Keywords: Black Territory, Afrocentricity, Black Identity

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Imagem da reforma do Memorial em 2021, publicada pelo Jornal da cidade, Foco Regional(https://focoregional.com.br/Noticia/memorial-zumbi-em-volta-redonda-e-revitalizad)	17
Figura 2- Imagem da planta do Memorial Zumbi	17
Figura 3- Imagem da planta do Memorial Zumbi	18
Figura 4- Espaço é dedicado à literatura afro-brasileira e presta homenagem a Sérgio Alves Zacarias, defensor da igualdade racial no município de Volta Redonda com representantes do Conselho Municipal e integrantes do poder público. (https://www.voltaredonda.rj.g	19
Figura 5 - Apresentação cultural na arena sem cobertura em 1990 (IPPRU-VR, 2019)	20
Figura 6- Entrada principal do Memorial Zumbi (Site da Prefeitura de Volta Redonda)	21
Figura 7- Imagem do Monumento “Zumbi estilizado, alvo de ataques (Fonte: Site do Governo Federal. https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/memorial-zumbi-dos-palmares-completa-33-anos	30
Figura 8- Grades do Memorial Zumbi com o cajado de Oxalá e o Machado de Xangô, narrado pelo ex-coordenador Sid Soares,2023(Site da prefeitura de Volta Redonda)	31
Figura 9- Painel do Artista Plástico, acervo do Memorial Zumbi, Clécio Penedo-1989 (site da Prefeitura de Volta Redonda)	34
Figura 10- Museu Histórico e Pedagógico Dom Pedro I e Dona Leopoldina, em Pindamonhangaba-SP(fonte: site da prefeitura de Pindamonhangaba).	41
Figura 11- Peça de exposição que fica dentro da senzala no Museu Histórico e Pedagógico Dom Pedro I e Dona Leopoldina, em Pindamonhangaba-SP	42
Figura 12- Mapa de Volta Redonda- RJ	60
Figura 13- Início do crescimento urbano do Município de Volta Redonda, entre as décadas de 40 e 50, e a CSN ao fundo. Fonte: IBGE, 2015	61
Figura 14- Diretoria do Clube nos anos 60 (site do Clube Palmares)	64
Figura 15- Evento Miss Colored no Clube Palmares	65
Figura 16- Primeira Semana do Povo Preto, Memorial Zumbi em 2017, Fonte: Prefeitura de Volta Redonda.	70
Figura 17- Divulgação da II Semana do Povo Preto em 2018 (Fonte: Prefeitura de Volta Redonda)	71
Figura 18- Festival de Curimba do Sul Fluminense	75

Figura 19 -Informativo da Programação da III “ Semana do Povo Preto” última semana do povo preto em parceria com movimento social e poder público em 2020	76
Figura 20 -Cronograma da IV “Semana do Povo Preto”. 2020	77
Figura 21 -Prêmio Dandara e Zumbi em 2018, no Memorial Zumbi, evento dedicado a premiar militantes de referência de Volta Redonda, por voto popular. (Fonte: Prefeitura de Volta Redonda)	78
Figura 22 -Público na arena do Memorial Zumbi no Dia da entrega das premiações	78
Figura 23 -Eleição do Conselho Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, dezembro de 2021- Memorial Zumbi, Volta Redonda. Fonte: Prefeitura de Volta Redonda.	79
Figura 24 -Manifestação do Movimento negro de Volta Redonda em 2020 O ato aconteceu depois da morte de um homem negro no Carrefour no Rio grande do Sul- Fonte Jornal tribuna Sul Fluminense.	81
Figura 25 -Vista da praça Brasil no Bairro Vila Santa Cecília em Volta Redonda-R (Fonte Jornal Tribuna Sul Fluminense)	86
Figura 26 -Mapa da Vila Santa Cecília em Volta Redonda-RJ	87

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CSN - Companhia Siderúrgica Nacional

IPPU/VR- Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano

COMUPPIR/VR- Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. CAPÍTULO 1 : MEMORIAL ZUMBI E AS DISPUTAS DE NARRATIVAS: PODER PÚBLICO, MOVIMENTO NEGRO E O RACISMO RELIGIOSO.	16
1.1: ANÁLISE DAS DISPUTAS NARRATIVAS DO MEMORIAL ZUMBI	33
1.2: A AFROCENTRICIDADE ENQUANTO UMA PERSPECTIVA POSSÍVEL	36
1.3: CAMINHOS DO CORPO PESQUISADOR: A ANCESTRALIDADE DO POVO PRETO É ALGO QUE É ACESSADO SEMPRE COLETIVAMENTE.	40
2. CAPÍTULO 2 : O CORPO TERRITÓRIO E VOLTA REDONDA:	45
3. CAPÍTULO 3: A CIDADE OPERÁRIA E A LUTA DA IDENTIDADE NEGRA: CAMINHOS DE UM TERRITÓRIO NEGRO EM VOLTA REDONDA.	59
3.1. O MEMORIAL ZUMBI É UM TERRITÓRIO NEGRO ?	67
3.2 CONCEITUAÇÕES SOBRE TERRITÓRIO NEGRO.	88
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS:	94
BIBLIOGRAFIA	96

1 INTRODUÇÃO

Nosso objeto de estudo é o “Centro Cultural Quilombo Memorial Zumbi dos Palmares” na cidade de Volta Redonda no Rio de Janeiro. Nosso foco é compreender como esse espaço se constituiu como uma agência territorial de luta do movimento negro contra o racismo. Por isso, temos como objetivo geral desta pesquisa: Sustentar a compreensão do espaço cultural Memorial Zumbi enquanto um analisador das disputas do território urbano em torno das estratégias de identidade afro-brasileira na cidade de Volta Redonda;

E como objetivos específicos propomos apresentar o Memorial Zumbi através das seguintes perguntas: O Memorial Zumbi pode ser compreendido como um território negro? Como as narrativas do poder público, do Movimento negro e do racismo religiosa se apresenta no Memorial Zumbi? e por quais vias o fluxo de corpos negros produz um território negro no Memorial Zumbi?

Minha experiência como servidora pública integrante da Secretaria de Políticas para Mulheres e Direitos Humanos do Município e como militante do movimento negro é utilizada como caminho para compreender o Memorial Zumbi dos Palmares internamente.

Utilizaremos o referencial teórico localizado e agenciado, preferencialmente, por autores negras e negros envolvidos com a luta antirracista. Os conceitos centrais serão de agência, consciência e localização de Molefe Kete Asante (1980) onde o solo epistemológico está fertilizado nos debates sobre Afrocentricidade. Nossa hipótese é que o Memorial Zumbi dos Palmares na cidade de Volta Redonda ao reunir diferentes práticas culturais afrodiasporicas se constitui como espaço de referência de organização da luta do movimento negro, definindo um território negro. Assim sendo, a questão central deste trabalho é analisar as ações do movimento negro, isto é, as agências para produzir consciência racial

Compreendo o território do Espaço Cultural Memorial Zumbi em Volta Redonda, como um espaço de encontro de subjetividades negras, das práticas culturais, festivas e políticas, que têm a afirmação da negritude e criação de ações de combate ao racismo como seus principais motes. Essas características produzem um lugar que não é estático. Tal movimento não pode ser compreendido com linear, mas como um contínuo em espiral, onde seus fluxos se alimentam através do tempo presente.

A análise temporal que este trabalho irá privilegiar se dará de 2016 a 2020, momento em que o Memorial não permitia eventos que não dialogavam diretamente com a cultura negra, ao mesmo tempo em que teve início dois eventos importantes: Festival de Curimba e Semana do Povo Preto.

O trabalho se divide em três capítulos.

No primeiro capítulo intitulado: **“Capítulo I: Memorial Zumbi e as disputas de narrativas: Poder Público, Movimento negro e o Racismo Religioso.**

Pretendemos analisar e apresentar de quais formas os discursos do poder público municipal de Volta Redonda, compreende o Memorial Zumbi, através da análise do inventário realizado pela Secretaria de Planejamento Urbano realizado para o processo de tombamento do Memorial Zumbi. A narrativa de um ativista negro, que ocupou a coordenação do Memorial Zumbi de 2016- 2020 e buscou evidenciar a importância da ocupação do movimento negro e o respeito com a ancestralidade. Em sua gestão, o Memorial Zumbi se tornou exclusivo para eventos e ocupações sobre a negritude. E também iremos abordar o discurso de racismo religioso e os ataques que a estrutura do espaço sofreu quando um radialista evangélico excitou a população a depredar o Memorial. Em seu programa de rádio, bastante difundido na cidade, o radialista falou que a estátua do Zumbi que se localiza na parte da frente do memorial era a representação do “Exu dos ventos”. Uma narrativa que marginaliza o espaço em um evidente discurso de racismo religioso.

Apresentaremos como base teórica a Afrocentricidade do autor Asante como ferramenta para sustentação da narrativa a partir e para negritude, evidenciando os conceitos de agência, localização, conscientização e o papel desagência, percorrendo caminhos para um entendimento do Memorial Zumbi através desta perspectiva, que tem a premissa de colocar o negro como produtor de conhecimento.

São dessas formas que iremos apresentar o Memorial Zumbi, um lugar que disputa e permeia o centro da cultura negra da cidade de Volta Redonda

E iremos concluir esse primeiro capítulo, evidenciando a mudança de olhar da pesquisadora com a chegada em Volta Redonda e conhecendo e reconhecendo o Memorial Zumbi como um espaço transmuta a experiência do corpo negro na cidade em comparação a cidade de Pindamonhangaba, uma cidade do Vale do Paraíba de maioria branca. E produz um papel de desagência na população negra local, iremos evidenciar com o exemplo do “Museu da Princesa Isabel”.

Segundo capítulo intitulado **Capítulo II: O corpo território e Volta Redonda:**

Iremos localizar o olhar da pesquisadora no contexto da percepção de que o Memorial Zumbi poderia se inserir enquanto um território negro em Volta Redonda.

Apresentaremos os caminhos percorridos na ocupação do espaço urbano desde 2014, que é ano que venho cursar psicologia na Universidade Federal Fluminense. Ouvindo as histórias dos mais velhos sobre a cidade e conhecendo a história negra em Volta Redonda, nos eventos do Memorial Zumbi ou no Clube Palmares. No terreiro aprendendo sobre ancestralidade, comunidade e aprendendo na coletividade e na convivência, valores e perspectivas de outros modos de existência. Com as filosofias de cada Orixá e cada guia, a importância de trabalhar pela cidadania e promoção dos direitos. Na militância em todos os espaços hegemônicos, como forma de estratégia na luta antirracista. E criando na formação em psicologia possibilidades de existência no ambiente acadêmico, sendo ponte entre os conhecimentos acadêmicos eurocêntricos e os ensinamentos agenciados pela negritude. Estes percursos convergem no Memorial Zumbi desde 2014, participando ativamente no espaço, ouvindo quem ali convive e produz cultura na multiplicidade que a cultura negra abrange. E desde então também início no outro lado da pauta racial, que é trabalhar na estrutura governamental municipal, compreendendo todos os recortes ditos anteriormente para uma responsabilidade coletiva de promover a Política Pública de Promoção da Igualdade Racial.

Por isso, neste capítulo identificamos o lugar/ou lugares que se inicia o processo dessa pesquisa. E aqui vale dizer, que para a afrocentricidade é algo imprescindível, a vivência/experiência do pesquisador no território. A pesquisa e a pesquisadora precisam estar agênciada e localizada no campo que se pretende pesquisar. Com a responsabilidade de que todo conhecimento produzido sirva a coletividade.

No Terceiro Capítulo intitulado: A cidade operária e a luta da Identidade negra: Caminhos de um território negro em Volta Redonda. iremos responder se o Memorial Zumbi é um Território Negro. Primeiramente iremos contextualizar brevemente a história de Volta Redonda-RJ, enquanto um município no Sul Fluminense que foi criado para acolher a Companhia Siderúrgica Nacional.

A construção da cidade se deu para atender as necessidades da empresa. E observamos que foram criadas categorias espaciais que exilava a população negra, seja nos cargos da empresa estatal, nos bairros construídos pela empresa dividindo

as pessoas por cargos que exerciam na empresa ou na proibição da entrada de pessoas negras em clubes da cidade.

A partir disso, entenderemos a conjuntura da formação dos movimentos de luta da negritude de Volta Redonda. O movimento negro em Volta Redonda surge no movimento sindical e católico, na década de 70-80. Foi nesse momento e contexto que surge o Clube Palmares.

Contextualizar o Clube Palmares é fundamental para pesquisa, pois foi um espaço de convivência negra. Um espaço que não era apenas de lazer, de encontro da juventude trabalhadora ou dos famosos concursos de beleza, mas sobretudo foi um ambiente que proporcionou a criação e fortalecimento da construção da pauta racial em Volta Redonda.

Dessa forma, também apresentamos um contexto da cidade a partir do contexto histórico social negro. Para compreender quais forças criaram o Memorial Zumbi enquanto um território negro. Em seguida iremos apresentar as características desse território, seus significados, ocupações e justificativas para conceituarmos o Memorial zumbi como uma territorialidade negra na cidade de Volta Redonda.

1. Capítulo 1: Memorial Zumbi e as disputas de narrativas: Poder Público, Movimento negro e o Racismo Religioso.

O objeto de investigação principal desta pesquisa é o Centro Cultural Quilombo Memorial Zumbi dos Palmares, um centro cultural público gerido pela Secretaria Municipal de Cultura de Volta Redonda. Este espaço, desde de 1992, é considerado um patrimônio cultural da cidade.

Neste capítulo iremos analisar as diferentes formas que o Memorial Zumbi é narrado de modo a desconsiderar sua importância para a população negra. Na visão “crua” da arquitetura realizada pela prefeitura, a percepção do movimento social e do imaginário criado pelo racismo religioso.

Segundo a legislação da cidade de Volta Redonda-RJ, o Memorial Zumbi é de responsabilidade do município. O espaço do Memorial Zumbi foi idealizado pelo arquiteto Celso Dal Bello e inaugurado em 1 de junho de 1990. O Memorial Zumbi está localizado entre as ruas 27,16, 23-B e 18-A, na Vila Santa Cecília, em Volta Redonda (figura 01). Segundo o inventário realizado em 2019 pelo Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano/ IPPU-VR:

O Memorial Zumbi é um anfiteatro no sentido verdadeiro da palavra. Uma união de 2 teatros no formato de semi-círculos, que juntos formam uma estrutura circular. O termo anfiteatro significa, precisamente em grego, dois teatros, pois o prefixo amphis quer dizer dois. Na parte central está localizada a arena (o palco), ou seja, lugar onde se realizam as atividades destinadas a entreter o público. Em torno da arena ficam as cáveas (no caso utilizadas como salas de exposições) e as arquibancadas (que no passado servia para separar as classes sociais, onde os andares mais altos se destinavam aos de maior nível socioeconômico). (IPPU-VR, 2019, p.5)

O Centro Cultural Memorial Zumbi conta com uma arena e uma arquibancada em concreto. Atualmente a arena é pintada com as cores do Movimento negro, Vermelho, amarelo e verde. Segundo o Jornal Foco Regional, em uma reportagem publicada em 2021, as arquibancadas foram pintadas com cores características do movimento pan-africanista no aniversário de 67 anos do Memorial Zumbi em 2021.



Figura 1- Imagem da reforma do Memorial em 2021

Em sua planta (Figura 02), o espaço conta ainda com um salão de exposições, onde atualmente existe uma biblioteca em construção, a biblioteca leva o nome de um importante ativista negro da cidade, Sérgio Alves, conhecido como Zacarias. Sérgio Alves por muitos anos foi coordenador da Unegro, entidade de cunho nacional formuladora de agendas para igualdade racial.

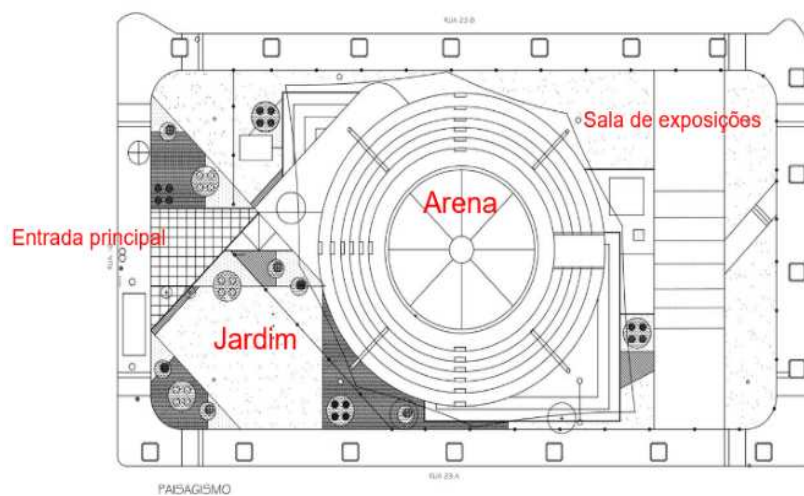


Figura 2- Imagem da planta do Memorial Zumbi

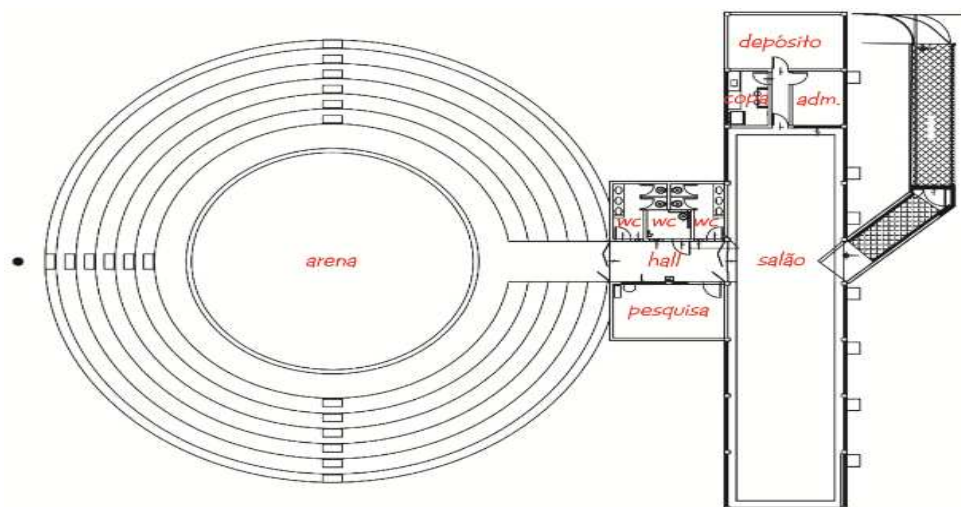


Figura 3- Imagem da planta do Memorial Zumbi

A biblioteca do Zumbi atualmente possui cerca de 361 livros, mas existe uma iniciativa, ainda muito incipiente do poder público, de ampliá-la desde 2017. Os livros são sobre a negritude nas diversas áreas do conhecimento. Na descrição do site da Secretaria de Cultura de Volta Redonda, a biblioteca é voltada para as escolas municipais e estaduais.

A reabertura da biblioteca do Memorial Zumbi dos Palmares é um grande passo para potencializar o Memorial e voltá-lo para a educação, através de livros especializados na cultura afro. Esse local é totalmente voltado para o protagonismo negro sendo um espaço de produção e divulgação da igualdade racial”, Anderson de Souza (site da Secretaria de Cultura¹

Podemos compreender que o Memorial Zumbi está no centro da pauta racial da cidade, a biblioteca (figura 03), abrange a agenda da lei 11.645/2008; lei que torna obrigatório o ensino de história afro-brasileira, africana e indígena na escola. E isso torna o espaço vivo, com a visita das escolas públicas, a memória, os conhecimentos e a promoção da cultura negra da cidade, que se torna fluida no presente da juventude. Vemos aí a biblioteca construída pelo movimento negro uma agência territorial negra que busca criar um campo de possibilidades para novos agenciamentos.

Essa é uma prática que agenciamento (Asante 1980), mesmo que seja uma atividade viabilizada pelo poder público municipal, a ação é realizada por demanda

¹ <https://cultura.voltaredonga.rj.gov.br/> Acesso 20/29/2023-

do movimento social negro que reivindica a aplicação da lei 11.645/2008. Mesmo que a gestão do Memorial Zumbi seja responsabilidade do poder público, a localização (Asante 1980) do espaço é determinada pela centralidade da cultura negra,(Figura 04).



Figura 4-Espaço é dedicado à literatura afro-brasileira e presta homenagem a Sérgio Alves Zacarias, defensor da igualdade racial no município de Volta Redonda com representantes do Conselho Municipal e integrantes do poder público. (<https://www.voltaredonda.rj.g>)

O autor Asante (1980) define a localização através da cultura negra e é o que determina o ponto de partida da identidade da negritude. Santos (1978), demarca que o espaço possui estruturas subordinadas e subordinantes. O Memorial Zumbi está submetido ao poder público municipal, que por muitas vezes não compreende sua totalidade (significados históricos) e é uma instância que subordina. Porém, o movimento social negro é um agente (Asante 1980), que reivindica e interfere no espaço. “É como as outras instâncias, o espaço, embora submetido à lei da totalidade, dispõe de uma certa autonomia”. (SANTOS, 1978, p. 145).

A sala de pesquisa, hoje é ocupada pelo Conselho Municipal de Promoção de Igualdade Racial. O conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial possui um

servidor exclusivo para trabalhar nas pautas do conselho no horário das 8 às 17 horas, diariamente. Na atual gestão do Conselho este servidor é o vice-presidente do conselho. O espaço ainda conta com um depósito, uma sala administrativa com cozinha, uma copa, um hall e sanitários. A tenda da arena não estava no projeto original, somente em 2009 foi acrescentado ao espaço, por reivindicação do movimento negro (Figura 05).



Figura 5 -Apresentação cultural na arena sem cobertura em 1990 (IPPRU-VR, 2019)

O acesso principal para o anfiteatro é pela rua 16, a entrada da parte de trás é pela rua 18 que é a principal entrada para a sala de exposições (IPPU/VR-2019).A fachada principal do Memorial Zumbi tem vista para um jardim, (Figura 06).



Figura 6-Entrada principal do Memorial Zumbi (Site da Prefeitura de Volta Redonda)

Segundo o ex-coordenador do Memorial Zumbi, Sid Soares, o jardim do Memorial Zumbi possui uma cana da serra da barriga, que foi doada na inauguração do espaço.

Dentro do jardim a única coisa que tem significado, segundo o mais velho da cidade, um griô, o “mestrissimo” Pedro da Água Limpa, no dia da inauguração do espaço, uma liderança de Palmares da Serra da Barriga esteve presente na inauguração, ele levou para lá uma planta, uma cana que nasceu em Palmares. A história que se conta lá em Palmares que foi o lugar onde Zumbi morreu e dali brotou essa cana. (Sid Soares,2023)

O espaço na visão afrocentrada é entendido pela narrativa da ancestralidade e possui valores civilizatórios da cosmovisão africana e afrodiaspórica (Asante 1980). Começando pelo nome do centro cultural que nomeia um ancestral afro-brasileiro, Zumbi dos Palmares. Um espaço onde as histórias são passadas através da oralidade e como forma de positivar a identidade negra na história da humanidade.

A luta histórica do movimento negro se expressa espacialmente de distintas formas coletivas. Os quilombos e os terreiros negros, por exemplo, foram ao longo da história brasileira constituídos como formas espaciais de resistência e

r-existência ao racismo. Estes territórios negros foram desenvolvidos na busca de autonomia, dignidade e liberdade. Por isso, busco compreender o Memorial Zumbi na cidade de Volta Redonda (RJ), enquanto um espaço localizado em um tempo-espaço, onde a cultura negra é atualizada na vida urbana. Localizo-o com um dos espaços que reivindicam valores civilizatórios basilares de uma cosmovisão africana (TRINDADE 2005), no sentido de um espaço que localiza e agencia (ASANTE 1980) as pluralidades dos territórios e territorialidades negras.

No centro da cidade de Volta Redonda, na região sul fluminense do Estado do Rio de Janeiro, pulsa um território negro. Criado nos anos 90, O Memorial Zumbi dos Palmares é um dos maiores espaços de homenagem ao líder quilombola brasileiro, signo da resistência negra. O local foi reivindicação do movimento negro da cidade fruto da militância que se formou no clube Palmares, fundado em 1965 por João Laureano e Nazário Dias.

O Memorial é reconhecido como patrimônio material da cultura, sendo um dos principais aparelhos culturais da cidade, cuja administração sempre passou por membros do movimento negro local. Sua importância e estrutura podem ser consideradas como um dos maiores equipamentos referenciados a Zumbi dos Palmares na América Latina (JOÃO, 2020).

Importante notar que sua estrutura arquitetônica por si poderia ser um analisador dos signos presentes nas disputas que acontecem na cidade; o Memorial é, em sua magnitude e simbologia, dispositivo que reforça a nacionalidade negra em seus aquilombamentos que estão em níveis individuais e coletivos nos engendramentos da cidade. Mas quando nos debruçamos mais detidamente sobre sua localização na cidade e em que história urbana ele se localiza, seu caráter de tensão e sua condição de fissura nesse tecido urbano se torna ainda mais evidente e instigante a um pensamento que vai, passo a passo, tomá-lo como dispositivo (DELEUZE, 1996); isto é: um instrumento que pode fazer ver e falar aquilo que parece em conformidade consigo mesmo, aquilo que parecia uno, unísono, monolítico.

Fundada em 1860, a cidade de Volta Redonda era um distrito de Barra Mansa, município da região sul fluminense do estado do Rio de Janeiro, que se emancipou em 1954, carregando tradições escravistas do Vale do Paraíba na implementação e construção da cidade industrial. Nesse contexto de cidade industrial e de controle da história e do território, Camargo (2019), analisa que “foi

criado um espaço urbano que refletisse a ordem e a disciplina que se pressupunha introjetar nos habitantes operários de Volta Redonda uma cidade planejada, ordenada, controlada e hierarquizada” (2019, p. 34).

O Memorial Zumbi surge enquanto um espaço de resistência horizontal, político e cultural em um momento importante no país, que produz um espaço urbano diferente do planejamento branco-europeu. “Era um contexto das Diretas Já e da Constituição de 1988, os movimentos negros conseguiram seus artigos aprovados, se não de fato mais em direito” (CLIMACO, 2020,). Onde, também vale destacar que Volta Redonda foi uma cidade de segurança nacional por causa da Companhia de Siderúrgica Nacional (CSN). Inclusive, durante a década de oitenta, Volta Redonda era conhecida como a Cidade Vermelha em função do forte movimento sindical que era prioritariamente um movimento negro. Os tensionamentos das forças políticas (nas disputas) eram intensos e muito bem demarcados. “Havia disputas nos espaços de poder, lazer e cultura, o branco nunca teve que se preocupar com o seu espaço” (CLÍMACO, 2020). A construção do Memorial Zumbi se faz ver como estratégica para uma luta que precisa ser contínua no enfrentamento ao controle dos corpos.

A segregação racial da cidade era evidente, e se escancarava com a existência, num bairro central, de um clube chamado “Clube dos Funcionários”. Esse era frequentado apenas por funcionários brancos da CSN, sendo proibida a entrada de negros e negras em suas dependências. Estes processos de discriminação racial materializados no acesso a dispositivos culturais e de lazer da cidade é o pano de fundo da importância da conquista de um espaço como o memorial Zumbi. Segundo Clímaco (2020), “o Zumbi está em um bairro central da cidade e isso significa a existência de uma marca da negritude de Volta Redonda em seu território que é de fato e de direito”. É um espaço que reconta e resgata a história dos negros brasileiros, em um espaço urbano que por direito pertence ao território negro. “O futuro do Memorial Zumbi é um futuro para sempre” (JOÃO, 2020).

O espaço se revela, deste modo, como a esfera do encontro – ou não– de trajetórias relativamente separadas que coexistem em uma multiplicidade de condições acumuladas, “sedimentadas”, e de possíveis aberturas para o futuro (Haesbaert, 2004, p 42).

Das narrativas das histórias do Memorial Zumbi apontamos um princípio orientador deste trabalho traduzido na necessidade de ultrapassar a compreensão deste espaço de cultura e lazer apenas como um serviço público da Secretaria de Cultura do Município. Faz-se necessário compreendê-lo a partir do Movimento Negro, da racialização da cidade e, portanto, restituir seu significado de território negro, iremos abordar especificamente o tema dos territórios negro a frente, a partir de alguns estudiosos do tema (LIDON 2016, SACK 2011; SILVEIRA 2013, LEITE 1992, RATTTS 2012, ESPINDOLA 2022, CASTELLS 2022)

A necessidade de construir, manter e produzir territórios negros na atualidade é uma estratégia de vida na atualidade, física e psicológica.

O território suporte de identidades pode ser concreto ou imaginário, contínuo ou descontínuo, exclusivo ou não, fixo ou móvel (melhor dizendo, pode ter configurações mutáveis, que se ampliam ou se reduzem)tais características. (Santos,2022. p. 227).

Os corpos negros historicamente vivem um estado de terror na sociedade, são corpos desprovidos de status políticos e reduzido a corpos biológicos (MBEMBE,2018). Pelo processo da colonização e capitalista pessoas negras vivem em um constante exílio simbólico, com dificuldades de acessar instrumentos suficientemente positivos para desenvolver uma identidade afirmativa e também territorial, com processos de exclusão como, por exemplo, de acessar a cidade. Por isso, os territórios negros estão em constante criação de mundos possíveis. O autor Haesbaert (2004) vai dizer que:

Se territorializar-se envolve sempre uma relação de poder ao mesmo tempo concreta e simbólica, [...] é evidente que, como toda relação de poder, a territorialização é desigualmente distribuída entre seus sujeitos e/ou classes sociais e, como tal, haverá sempre, lado a lado, [...] territorializados que desterritorializam por uma reterritorialização sob seu comando e desterritorializados em busca de uma outra reterritorialização, de resistência e, portanto, distinta daquela imposta por seus desterritorializadores. Esta constatação [...] implica identificar e colocar em primeiro plano os sujeitos da des-re-territorialização, ou seja, quem des-territorializa quem e com que objetivos (Haesbaert, 2004, p. 259)

Então, para Haesbaert, 2020, p.177, " É dentro desse verdadeiro projeto colonial de des-re-territorialização que surgem e se difundem os mais diversos processos de resistência (ou de r-existência)". Através dos territórios negros e os processos de "r-existências" que as identidades negras podem também construir

uma ideia de nacionalidade brasileira, que compreende seus direitos e suas contribuições na construção da nação.

Asante (1980), a partir da afrocentricidade busca deslocar a história do negro das margens e colocar no centro das discursões. A construção de territórios negros passa por processos de conscientização. São lugares que o negro liberta a mente do adoecimento do racismo. Um território negro busca localizar a negritude no tempo - espaço e digo, de uma forma concreta, por que são espaços de trocas, convivência e de produção de sentido. As agências negras, as histórias negras, os modos de fazer e ancestralidades são produtoras de conhecimento e produzem uma responsabilidade coletiva. Então, a estratégia de vida desses espaços tem a possibilidade de recontar e produzir uma identidade positiva da negritude.

O Memorial Zumbi seria uma territorialidade que se mostra como tempo-espaço possível de suspensão dos efeitos opressores e violentos desta hegemonia: experienciado ontem no suplício dos corpos escravizados ou destruição dos cortiços e hoje nas capilaridades do controle e nas lógicas da necropolítica (MBEMBE, 2016). Como um entre-lugar, seja nos arredores ou em meio a cidade, os territórios negros passaram a significar a presença viva, de diversas formas, dos ancestrais africanos e seus descendentes. “Passou a ser sede interior e exterior de todas as formas de possibilidade de vida.

O Memorial Zumbi enquanto um território urbano está imerso nas redes das quais a cidade se constitui. Nesse sentido, as narrativas estão em disputa sobretudo porque elas dão lugar ou invisibilizam o Memorial Zumbi. O movimento de aquilombamento é um projeto político. Sendo assim, as narrativas orais dão a análise dessas narrativas um lugar aquilombado nas produções de sentido. A oralidade não somente cria as produções de mundo, ela é a base da constituição do sujeito e do coletivo. E, nesse contexto, o território é a ancestralidade que garante a existência do negro.

Portanto, consideramos que territórios negros, ora constitui-se como instituição, ora é concebido como práticas políticas. O território do Espaço Cultural Memorial Zumbi em Volta Redonda, é então compreendido como um espaço de encontro de subjetividades negras, das práticas culturais, festivas e políticas, que têm a afirmação da negritude e criação de ações de combate ao racismo como seus principais motes.

Essas características produzem um lugar que não é estático. Tal movimento não pode ser compreendido como linear, mas como um contínuo em espiral, onde seus fluxos se alimentam através do tempo presente. “O presente atua como interlocutor do passado e consecutivamente como locutor do futuro” (BISPO, 2015 p. 19).

Se o território e as territorializações (enquanto processos de subjetivação coletivos e singulares) não se definem aqui por um estado passível de ser apreendido em sua essência ou realidade estática, mas sim por uma processualidade, por um ininterrupto movimento que os faz sempre em vias de se diferir de si mesmo, o meio pelo qual propomos dar lugar e efetivar os objetivos deste projeto é o método cartográfico (PASSOS et al, 2009). Segundo o autor, a cartografia oferece tanto a possibilidade de dialogarmos mais estreitamente com aquilo que caracteriza o objeto deste projeto, quanto de escaparmos de objetivismos - estes que escamoteariam a dimensão política do conhecimento. Porém, igualmente, sem recorrer a subjetivismos: pois não se trata de apontar para pessoalidades.

O pesquisador se faz presente e compreende sua prática como instrumento de intervenção. Enxergando uma coletividade que estão em uma contínua atualização e percepção da realidade, para o autor Haesbaert (2020):

Incorporando as chamadas políticas da diferença e negando a história única, eurocêntrica e patriarcal/branca/heterossexual. A visão de um espaço sempre com algum nível de abertura para a mudança implica que as direções da história também são múltiplas e podem/ devem ser refeitas, reconstruídas. Haesbaert, 2020, p. 48)

O que nos afasta de um entendimento de que esta investigação seria um estudo meramente *sobre* o Memorial Zumbi - a investigação, por sua metodologia, entrelaça político e cultural fazendo saltar um corpo que pesquisa é uma experiência de pesquisa atravessados pelas mesmas linhas que tecem aquilo que se torna objeto de investigação.

Enquanto um dispositivo, pelas narrativas que dizem *Memorial Zumbi*, compreendemos que a produção e processos de subjetivação no cotidiano da cidade produz outras formas de realidade e outras formas de verdade. De modo que se aproximar de um território negro, a partir de seus vetores de subjetivação

significa, aqui, nesta pesquisa, tomar um lugar privilegiado de análise de linhas e forças que não estão capturadas pelo regime dominante de signos.

A pesquisa se refere a outros modos de experienciar o território, um espaço entre-lugares. Por isso, faz-se necessário um instrumento metodológico que permita o mergulho no território enquanto estratégia de análise. A cartografia(Passos,2009) se propõe a acompanhar o lugar das disputas e a produção de sentido através das narrativas cotidianas daqueles que dizem de um presente e de um passado do Memorial, colocando de maneira central nessa pesquisa a memória que atualiza-reconfigura-remonta às relações da territorialização do território negro colocando em jogo o corpo social como extensão do corpo individual.

Enorme dilema para os movimentos emancipatórios: alimentar a esperança e a formulação de um outro espaço/território diante da reiterada experiência da desgraça cotidiana.

Nosso apego pela vida, nossas múltiplas formas de r-existir, mesmo nas situações de mais extrema expropriação e pobreza, preserva sempre um envolvimento não apenas com o corpo físico, mas também com o espiritual, com o místico/religioso. (Haesbaert,2020, p. 21)

A colonialidade e o capitalismo produziram grandes efeitos na existência de corpos não brancos” temos um passado permanente a avaliar e um outro futuro por imaginar” (Haesbaert,2020, p. 23). O que o autor expõe é um estado constante de violência, um estado de vida ou morte. Por isso, pensar territórios negros não pode ser por via da abstração, deve ser construído, analisado de forma concreta. E compreendendo o quais elementos, fazem os territórios negros espaços que emergem as possibilidades de vida e a dignidade humana.

Espaço em sua multidimensionalidade, o ambiente em sua complexa dinâmica sociedade-natureza, o território nas múltiplas formas com que revela o poder que temos sobre/com o espaço/o ambiente, cada região em sua diferença/especificidade e cada lugar em sua identidade revelam, mais do que nunca, a importância da dimensão geográfica ou espacial da sociedade. Em tempos de profunda crise como estes em que vivemos, crise ecológica, econômica, política, ética... acabamos sendo obrigados a olhar para a sociedade, todo o tempo, através da transformação de seu conteúdo espacial. (Haesbaert,2020, p. 26).

A luta histórica do movimento negro se expressa espacialmente de distintas formas coletivas. Os territórios negros, por exemplo, foram ao longo da história brasileira constituídos como formas espaciais de resistência e r-existência ao

racismo. Esses espaços possuem a funcionalidade de desenvolver e buscar a autonomia e liberdade.

O espaço se revela, deste modo, como a esfera do encontro –ou não– de trajetórias relativamente separadas que coexistem em uma multiplicidade de condições acumuladas, “sedimentadas”, e de possíveis aberturas para o futuro. (Haesbaert,2020, p. 26)

O Espaço Cultural Quilombo Memorial Zumbi dos Palmares é disputado também nas narrativas sobre os significados de sua arquitetura e história. Segundo Camargo:

Em 1987, a antiga praça Rotary já foi ocupada com a exposição denominada “Quilombo Zumbi dos Palmares”, marcando assim a apropriação do local pelo movimento negro de Volta Redonda. Construído em 1990 pelo governo municipal, na gestão do prefeito Wanildo de Carvalho e com o desenho singular do arquiteto Selso dal Bello, o Memorial Zumbi dos Palmares – ou simplesmente Zumbi como é chamado pelos volta-redondenses – conta com uma grande escultura em aço de Rogero Masson logo em sua entrada; um anfiteatro amplo, capaz de receber um público de algumas centenas de pessoas; e uma sala de exposições onde fotografias de quilombolas, habitantes do Quilombo São José em Valença, encontram-se em exposição permanente em suas paredes assim como um grande painel assinado pelo artista plástico Clécio Penedo. (Camargo pág 59, 2019).

Segundo Camargo (pág 60, 2019) “espaço criado para resgatar e preservar a cultura afro-brasileira foi inaugurado no dia 1º de Junho de 1990, com a presença de diversos representantes das embaixadas de países africanos. Assinam a primeira página do livro de presença, os representantes das embaixadas do Zaire, Nigéria e Gana.” Outra narrativa sobre o espaço interessante é do ex-coordenador do espaço, Sid Soares 2021:

A própria idealização arquitetônica do Memorial Zumbi, já rememora a cuia de um berimbau. O próprio pensar da arena do Memorial Zumbi te remete a essa cuia do berimbau que tem esse som que de alguma forma ecoa pelo ar e se projeta no espaço um tempo no território. Justamente por isso, ali no centro da arena, quando a gente se posiciona, conseguimos projetar a voz de uma tal maneira que qualquer a pessoa sentada na arquibancada do espaço, consiga nos ouvir com clareza, sem nenhum tipo de necessidade de algum equipamento sonoro, eletrônico, de projeção de som. Ali eu com a minha própria voz consigo projetá-la, mesmo que eu fale baixo, mesmo que eu tenha uma voz mais baixa do que outras pessoas, qualquer pessoa na arquibancada consegue me ouvir. Por isso ele tem esse formato dessa cuia do berimbau. Isso é um ponto. O

memorial não tem na verdade no seu projeto arquitetônico aquela tenda, que foi uma solicitação posterior das pessoas dos coletivos que usavam aquele espaço para suas ações culturais e que, no momento da chuva, não poderiam continuar fazendo as atividades porque obviamente iria atrapalhar. Então, o projeto arquitetônico é a arena e o salão de exposições, o Memorial Zumbi também não tinha grades. Dentro desse projeto arquitetônico tinha arena, o salão de exposições. Na entrada do espaço uma estátua feita de aço corten do arquiteto Celso Dal Bello, que remete ao salto para a liberdade de Zumbi. Então quando ele foge de Palmares fugindo ali dos Bandeirantes dá o salto para a liberdade. Ali ele estava livre. Porém, dentro desse projeto arquitetônico todo lá, pensado para aquele espaço, para aquele local, para aquela população, para aquela história (SID SOARES,2023).

No mesmo ano o IPPU-VR em seu inventário desloca e reduz todos os significados do espaço em uma descrição arquitetônica "crua". Asante (1980) coloca a importância de estarmos localizados numa posição afrocentrada em todas as dimensões do conhecimento.

Porém, a presença e atuação do Memorial Zumbi dos Palmares em um dos bairros mais valorizados de Volta Redonda encontrou, em alguns episódios, resistência. Em um dos casos recentes, um missionário evangélico confundiu a estátua de Zumbi dos Palmares, na entrada do memorial, com a entidade de matriz afro-religiosa "Exu-dos-Ventos". Em um programa da rádio local 88 FM, do deputado estadual Edson Albertasse, o missionário atribuiu à entidade a responsabilidade por influências maléficas ao município e por promover discórdia nos lares e empresas. (Camargo, p. 56, 2019).

Segundo Soares (2023), o movimento que o deputado Albertasse articulou incitou as pessoas a deprender o local em uma clara demonstração de racismo religioso com a certeza da impunidade. O memorial Zumbi não está dissociado da cultura das religiões de matriz afro-brasileira e de suas filosofias e sentidos,(Figura 07).



Figura 7-: Imagem do Monumento “Zumbi estilizado, alvo de ataques (Fonte: Site do Governo Federal.<https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/memorial-zumbi-dos-palmares-completa-33-anos>)

Então as pessoas começaram de alguma forma a apedrejar o memorial e quebrar as vidraças no espaço, pichando o espaço, jogando lixo no espaço. Pessoas incitadas por esse pastor e radialista. A rádio ainda opera na região, obviamente que ele não sofreu nenhum tipo de sanção, de denúncia quanto a isso. Ao invés da população denunciar ou do poder público denunciar e entrar com uma ação contra ele, o poder público fez o movimento inverso de aprisionar o local. Hoje a gente vê o espaço e é bonito, mas se a gente for pegar pela história do que aconteceu o espaço foi aprisionado naquelas grades. As grades são bonitas e remetem a uma ancestralidade, porque nas próprias grades tem o desenho do que é o cajado de Oxalá e também tem o desenho do que é o Machado da Justiça de Xangô. (SOARES, 2023)

O ex-coordenador comenta também que antes das grades (Figura 08) a ocupação do espaço era maior, porque as arenas eram ocupadas por trabalhadores no horário de almoço. Hoje com as grades o fluxo de pessoas depende de a secretaria de cultura abrir o espaço e limitar a circulação e a ocupação do espaço pela população.



Figura 8- Grades do Memorial Zumbi com o cajado de Oxalá e o Machado de Xangô, narrado pelo ex-coordenador Sid Soares,2023(Site da prefeitura de Volta Redonda)

Então podemos perceber até aqui, algumas narrativas, uma que tem a função de agenciar e localizar a identidade racial do Memorial Zumbi e a outra que cumpre a função de esvaziar de sentido o espaço. As disputas narrativas também estão nos processos de modificação do espaço. Segundo a narrativa institucional do poder público de Volta Redonda, o espaço foi cercado por causa dos skatistas e o aumento da violência. “O Memorial foi rapidamente adotado pelos skatistas locais e com o

passar dos anos, alegando aumento da violência no local, o espaço passou por grande intervenção”. (IPPU/VR-2019).

Em 2009 foi feita a reforma, porém um importante motivo que o inventário da Prefeitura de Volta Redonda não relata é o fato que o Memorial foi cercado por depredação dos evangélicos motivados por um pastor e radialista. Para compreender melhor o significado do Memorial Zumbi iremos analisar as narrativas apresentadas: a narrativa da memória negra, a narrativa do poder público e a intolerância religiosa.

1.1: Análise das disputas narrativas do Memorial Zumbi:

A partir das percepções de um olhar afrocentrado na produção de sentidos gerados pela relação com o Memorial Zumbi, podemos destacar a existência de camadas importantes. A dimensão física e simbólica da estrutura do Memorial Zumbi, por si, demonstra a sua importância. É um espaço que tudo diz da ancestralidade negra. Seja nas lanças e nos machados de Xangô, que é orixá da justiça, e que cercam o espaço.

A memória está no tempo presente, percebo que a função principal do Memorial Zumbi está na reivindicação da memória, da cultura, da identidade e da ocupação e nunca passa despercebido, seja pelo encanto, curiosidade ou descontentamento. O som do batuque, as danças e os eventos em si, sempre chamam a atenção. Evidenciando a disputa do espaço urbano. Contudo, existem momentos importantes de entender a memória que é reivindicada nesse espaço.

Há uma memória da luta ancestral e a memória da construção das pessoas que lutam para a ocupação e construção desse espaço. Digo isso porque podemos também analisar o Memorial pensando de quais formas os atores, que circulam e influenciam o espaço do Zumbi, o reivindicam como território negro. Eu lembro da primeira vez que de fato compreendi a potência do Memorial Zumbi. Eu estava acompanhando uma atividade na parte de fora, na arena, e por algum motivo eu entrei no auditório que fica na parte de dentro. Vi um senhor negro, muito bem vestido, nas suas vestes ele trazia algo da sua história. Ele estava vestido com um paletó branco, com uma imagem dele nas costas e uma ombreira de fitas coloridas. Em volta dele, estavam vários jovens ouvindo as histórias do painel(figura 09) que é exposto permanentemente no Memorial Zumbi, onde cada imagem conta as histórias dos africanos no Brasil até 1989 e deixa espaços em branco para continuidade da história (Soares, 2023). Percebi de forma nítida, o corpo sendo território e territorializando outros corpos. Ele carregava também muitos livros que tinham textos dele e cada momento dessa cena era uma nova história.



Figura 9-Painel do Artista Plástico, acervo do Memorial Zumbi, Clécio Penedo-1989 (site da Prefeitura de Volta Redonda)

Podemos destacar também, uma dimensão política dessas narrativas, através da reivindicação de políticas públicas de igualdade racial, exercida pelo movimento negro organizado e pelo conselho municipal de igualdade racial; quando trazem a dimensão do Zumbi enquanto um órgão dentro da institucionalidade. Observei nos encontros do movimento negro e do Conselho municipal de igualdade racial a necessidade de reivindicar a dimensão de políticas públicas que considerem as questões étnico-raciais. É importante ressaltar que o movimento negro de Volta Redonda tem grandes bases no sindicalismo e na igreja católica. Portanto, as dimensões políticas incluem, o Estado, o poder público, os movimentos sociais, sindicais e institucionais.

A dimensão do poder público traz uma análise enquanto narrativa fria da estrutura física do Memorial Zumbi. Essa narrativa traz o que Asante (1980) coloca como “papel de desagência”. É o entendimento onde identificamos a estrutura

racista da sociedade, que coloca os negros no apagamento e destitui a importância da história, memória e cultura negra na construção da sociedade de Volta Redonda. A leitura do espaço feita pelo IPPU/VR, nada diz sobre seus significados e sobre a estrutura de memória da negritude. Por isso, existe um processo de apagamento histórico institucional. O apagamento se dá quando em sua descrição, os elementos históricos e ancestrais não são narrados. Como as grades que representam lanças e possuem elementos da tradição afro-brasileira. A visão arquitetônica eurocêntrica não se propõe a compreender que o Memorial Zumbi é algo maior que sua área construída. Quando se nomeia seus significados, também está se nomeando sua identidade e memória.

Acredito que seja importante nomear na descrição do Memorial Zumbi, o processo de apagamento, enquanto racismo estrutural. A localização do Memorial Zumbi fica em uma região central da cidade. E obviamente que incomoda a elite que mora no bairro, Vila Santa Cecília. O ex-coordenador do Memorial Zumbi, narra que foi feito um abaixo assinado pela associação de moradores, para que o espaço não fizesse muito barulho e com a preocupação de que o espaço trazia “pessoas diferenciadas” para o bairro. Essa frase reflete muito as disputas raciais na cidade. A história do Memorial Zumbi não está dissociada com a história de violência e guerra que a população negra vive no Brasil. Uma descrição importante é do racismo religioso, o Zumbi tem a função de aglutinar a cultura negra brasileira e por isso a filosofia afro brasileira é presente no espaço. Tanto na sua estrutura física, quanto nos agentes coletivos que fazem parte cotidianamente no espaço. Importante demarcar que as religiões de matriz afro brasileira, são espaços das filosofias africanas. No Brasil, por isso, podemos observar as marcas do racismo religioso no espaço, as grades que não estavam no projeto original e que foram colocadas após ataques ao Memorial. A estátua que representa o salto para o futuro, representando um futuro onde seja possível a existência negra, foi apedrejada por evangélicos.

É importante perceber que todos os signos que podem identificar aquele espaço enquanto um território negro é alvo de diversos racismos. A função de um território negro é a vida negra. E, por muitas vezes, a vida negra precisa de espaços de resistência, para proteger o maior sentido do espaço, que é ser o lugar onde a população negra pode se alimentar de sua história e de possibilidades de existência. Por esse motivo, a escolha da afrocentricidade se faz necessária. A afrocentricidade

é uma perspectiva que coloca a pessoa negra no centro da discussão e da análise da realidade.

1.2: A afrocentricidade enquanto uma perspectiva possível

A afrocentricidade de Molefi Kete Asante, constitui-se como um saber que disserta sobre localização e agência dos povos negros, retirando a ciência, a história e a existência negra das margens dos conhecimentos. Nesse sentido, nosso objetivo é construir uma posição política, pensando no Memorial Zumbi através da compreensão da narrativa negra. Existem quatro conceitos importantes, os quais já utilizamos anteriormente na análise das narrativas e nesse momento iremos apresentar seus fundamentos: A agência, a localização, a conscientização e a desagência (Asante 1980).

Segundo Asante, “a afrocentricidade é um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos da sua própria imagem cultural” (1980). É um deslocamento das bases que tentam organizar e analisar o mundo através de bases eurocêntricas.

A partir dessas premissas afrocentradas, o Zumbi é um território negro que agencia, localiza e conscientiza a população. Segundo Rabaka (2009) a afrocentricidade é uma metodologia que pretende analisar as perspectivas das histórias e culturas africanas, isto é, do continente e das diásporas.

Segundo Rabaka (2009) a publicação do livro: “Afrocentricidade: a teoria da mudança social”, de Asante, em 1980, demarcou os primeiros tratamentos teóricos.

Posteriormente aprofundados pela publicação de “A ideia Afrocêntrica” (1997) e “Kemet: a Afrocentricidade e conhecimento” (1990). Logo depois desses marcos de produção da sistematização da teoria afrocêntrica diversos de autores afrocentricos continuaram a construção da teoria em diversas linhas do conhecimento, tais quais: Conyers (2003), Gray (2001), Henderson (1995), Howe (1997), Moses (1998), Walker (2001) Ziegler (1995); entre outros. (RABAKA 2029, pág 130).

Para a autora Beatriz do Nascimento (2008), a afrocentricidade tem uma proposta fundamental de construir outros caminhos em contraponto às investigações científicas eurocentradas. Caminhos para um conhecimento que não subjugue os africanos e afrodiáspóricos no paradigma ocidental. Propõem caminhos que interroguem de quais formas os africanos pensavam, por exemplo, sobre a criação

dos quilombos. “Desse modo, as investigações baseadas em perspectivas ou atitudes ou valores ou filosofias africanas irão gerar novas informações, padrões de comportamento e percepções” (p. 12). Portanto para a autora, a afrocentricidade é uma inovação epistemológica também de uma ideologia antirracista, antiburguesa e antissexista.

Com desafio de adquirir um conhecimento baseado no restabelecimento da localização de um texto, uma fala ou um fenômeno. A afrocentricidade gera em termos da cooperação, da coletividade, da comunhão, das massas oprimidas, da continuidade cultural, da justiça restaurativa, dos valores e da memória como termos para a exploração e o avanço da comunidade. (NASCIMENTO, 2009, p. 13)

O movimento afrocêntrico luta pela descolonização e esse processo não será eficaz somente com um movimento político de massa, mas sim um movimento de massa que esteja consciente e que tenha localização dos seus próprios termos culturais, políticos, psicológicos e econômicos. O autor Asante (1980, p. 93), define que “a afrocentricidade é uma questão de localização precisamente porque os africanos vêm atuando à margem da experiência eurocêntrica”. Por isso, a necessidade de uma perspectiva que crie uma epistemologia afrocentrada e de uma metodologia também afrocentrada. Seria uma perspectiva filosófica com base na luta anticolonialista, partindo do reconhecimento histórico de que os africanos foram sequestrados em termos culturais, psicológicos, econômicos e históricos. Os processos hegemônicos da produção de mundos não garantem que os povos pretos sejam representados em sua completude, assim, o pensamento da afrocentricidade, necessariamente, é também uma questão geográfica.

A localização é um processo que marca a espacialidade na formação da perspectiva da afrocentricidade. A autora Mazama (2009) define a localização, enquanto centro ou lugar, colocando que a localização é sobre a história, a cultura e a ancestralidade. “A tomada de consciência, fortalece a identidade negra e isso, determina nossa localização, determina nosso centro, nosso lugar na vida, tanto material quanto espiritual” Mazama (p. 121, 2009). A localização, então, demarca um espaço ampliando a possibilidade da afirmação da negritude. O sentido de localização enquanto lugar, que a autora Mazama(2009) desenvolveu, sinaliza que esses “espaços” alimentam a tomada de consciência da identidade. Para Modupe (pág 99, 2003), a localização é o lugar psicológico, cultural e histórico pensando o

indivíduo. Podemos compreender que a localização introduz o sujeito dentro da posição africana. Sendo um fator importante para dignidade humana, produzindo saúde mental da população negra.

O espaço do Memorial Zumbi se propõe como uma localização do negro na história da cidade, reivindicando a ancestralidade e transmitindo identidade negra. No nível de uma conscientização pessoal que diz da existência do corpo negro, mas também no nível coletivo. Tanto o nível coletivo como o pessoal não estão dissociados, essa consciência acontece nos encontros, nos festivais, nas caravanas escolares.

A conscientização dentro do paradigma afroncentrico é um instrumento para desenvolver a consciência política sobre a realidade dos negros ao redor do mundo e romper com o poder da branquitude. Desta forma, Asante sinaliza que “o objetivo era desferir um golpe na falta de consciência” (Asante, 1980, p.94). O autor salienta que é fundamental tornar essa busca pela consciência, não apenas nas denúncias, mas no processo da afirmação e construção de uma identidade positiva. Para Asante (p. 95) “O propósito foi, desde sempre, criar espaços para seres humanos conscientes que, estando centrados, se comprometam com o equilíbrio mental”. A conscientização é inerente ao processo de deslocamento da construção do lugar da pessoa negra. Um processo central na teoria afrocêntrica que pretende atuar fortalecendo as pessoas negras.

A conscientização atua principalmente no nível político, podemos dizer que a proposta da atuação do Conselho Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial dentro do Memorial Zumbi é um ponto focal das demandas da sociedade civil perante o poder público. Propondo para a sociedade em geral uma discussão de conscientização e de agenciamento. Para Asante (1980), a agência compreende as possibilidades do sujeito de empreender recursos psicológicos e culturais para avanços da liberdade humana. Quando percebemos a agência questionamos e percebemos a força que o eurocentrismo possui no processo de desagencia.

Asante destaca que a desagência não é apenas marginalizar a população negra, mas também aniquilar a existência da negritude. “Não se trata apenas de marginalização, mas de obliteração da sua presença, seu significado, suas atividades e imagem”. Asante(1980). Como descrito anteriormente, o Memorial Zumbi vive em um constante perigo de desagencia , através dos significados das violências raciais. Como o abaixo assinado das associações de moradores, em que

reclamavam dos sons dos tambores e da circulação negra em bairros de classe média.

A afrocentricidade é uma alternativa para além da leitura do Memorial Zumbi, essa perspectiva também orienta para construção de políticas públicas de igualdade racial. Quando os agentes públicos compreendem a importância de uma leitura que evidencia a relevância da história negra na construção deste país, torna-se um marcador de que as políticas públicas pensadas de outro modo, podem ser localizadas, agenciadoras e também de conscientização.

Então, existirá a possibilidade que os conceitos abordados, poderá fortalecer um olhar que perceba um espaço enquanto um território negro. Retirando das margens sociais e históricas a população negra.

Além disso, essa teoria pode fundamentar, fortalecer e manter a territorialidade de diversos atores da luta anticolonial e antirracista. A leitura que faço utilizando as ferramentas da afrocentricidade é para compreender os perigos e ataques que os territórios negros, especificamente o Memorial Zumbi, sofrem. Seja no esvaziamento da narrativa do poder institucional ou por ataques deliberados ao espaço. Estes ataques fazem parte de um projeto político que esvazia o espaço e podem colocar o Memorial Zumbi em um constante risco de desagência. Por isso, narrativas do movimento negro que localizam, agenciam e conscientizam, traduzem a luta racial de forma coletiva e/ou individual, como uma formação de combate ao racismo estrutural.

Não seria possível deixar de fora dessa disputa narrativa os atravessamentos que o Memorial produz e produziu na própria pesquisadora. Por isso, também consideramos importante trazer os caminhos do corpo pesquisador preto, como um território negro.

1.3: Caminhos do corpo pesquisador: A ancestralidade do povo preto é algo que é acessado sempre coletivamente.

"Se quer ir rápido, vá sozinho.

Se quer ir longe, vá em grupo."

Provérbio africano

Enquanto pesquisadora compreendo a importância e as dificuldades de estar inserida dentro do campo pesquisado, porém dentro de uma metodologia afrocentrada é de extrema necessidade, também me incluir nesse movimento de se localizar e se agenciar. Aqui o corpo negro seria um desdobramento e multiplicação do memorial como um território negro.

“Todavia a investigação afrocêntrica deve ser conduzida por meio de uma interação entre pesquisador e o tema. A imersão cultural e social é um imperativo” (Mazama, p. 124, 2009).

Os princípios metodológicos da africanologia são: toda investigação deve ser determinada pela experiência africana espiritual é importante e deve ser colocada no lugar devido; a imersão do sujeito é necessária; o holismo é um imperativo; deve-se confiar na intuição; nem tudo é mensurável porque nem tudo que é importante é material; o conhecimento gerado pela metodologia afrocentrada deve ser libertador. (MAZAMA, pág 125, 2009).

Considerando o que a autora MAZAMA (2009) expõe e na tentativa de encontrar caminhos possíveis para uma análise afrocentrada, o corpo pesquisador se coloca nas narrativas desse trabalho. É a localização do olhar de quem está analisando o Memorial Zumbi e que também foi agenciada por ele.

Meus primeiros caminhos enquanto uma pessoa socialmente negra começaram em uma cidade chamada Pindamonhangaba. Uma cidade bastante antiga, fundada em 1672 localizada no Vale do Paraíba, no interior de São Paulo. Extremamente coronelista, conservadora e com uma longa história escravista.

A região do Vale do Paraíba foi fundamental para a produção e distribuição do café, o ouro verde. Em Pindamonhangaba existiam as chamadas “paradas”, onde os viajantes que transportavam o café descansavam. Isso desenvolveu o povoado de Pindamonhangaba como uma localidade importante para o escoamento do café. Com a localização estratégica entre Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, a

cidade cresceu rapidamente. A região do Vale do Café ou Vale do Paraíba foi uma das mais importantes da riqueza do café brasileiro.

A cidade atualmente possui uma população estimada de 171.885 e esbanja uma melancolia e um orgulho das histórias da escravidão negra e indígena. Representando a política que o Brasil assumiu desde o fim da escravidão, contando a história dos brancos e criando espaços de violência para a população negra. Não à toa, em Pindamonhangaba existe um famoso museu da princesa Isabel no centro da cidade. Oficialmente o Museu se chama Museu Histórico e Pedagógico Dom Pedro I e Dona Leopoldina. (figura 10)



Figura 10- Museu Histórico e Pedagógico Dom Pedro I e Dona Leopoldina, em Pindamonhangaba-SP(fonte: site da prefeitura de Pindamonhangaba).

Uma das histórias contada pela cidade é a de que a princesa Isabel pernoitou na cidade em 1877. Na ocasião da sua visita foi construído uma grande casa e um bosque no estilo imperial, (Figura 10). Hoje chamado "o bosque da princesa" na beira do Rio Paraíba do sul, sendo hoje um dos pontos turísticos da cidade. É comum as escolas levarem os alunos para visitar a história que a cidade decidiu contar. O espaço, que recebeu a princesa Isabel e sua comitiva, se tornou um museu do orgulho escravista Pindamonhangabense.

Foi em uma dessas visitas ao museu da princesa, que pela primeira vez me identifiquei como uma pessoa negra. No porão desse espaço, estavam os instrumentos para torturar as pessoas escravizadas. Os instrumentos estavam expostos sem nenhuma preocupação de contar as histórias das pessoas negras. As pessoas passavam por ali sem dar muita importância e tiravam fotos sem entender o que todos aqueles objetos representavam (figura 11). Via nessa atitude do poder

público uma forma de desagência. “Dizemos que se encontra desagência em qualquer situação na qual o africano [e os negros fora da África] seja descartado como ator ou protagonista em seu próprio mundo [e/ou em diáspora]” (Asante, 2009, p. 95).



Figura 11-Peça de exposição que fica dentro da senzala no Museu Histórico e Pedagógico Dom Pedro I e Dona Leopoldina, em Pindamonhangaba-SP

Sem compreender e sem conhecer a história negra brasileira, acessei os efeitos do racismo por via da violência. Por muitas vezes é negado ao meu povo a nossa própria história. Uma das estratégias colonialistas para dificultar algo que é muito importante: a identidade e direito à memória. Segundo Neuza Santos Souza “Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrado em sua identidade” (1990, p. 17).

Contextualizando o momento histórico da visita da princesa, o Brasil foi palco de diversas revoltas negras. O mesmo período em que a princesa Isabel esteve em Pindamonhangaba, foi início do declínio do sistema escravista. Segundo Mendonça (2016, p 146), ao longo da década de 1880, existiam insurreições negras que “enfraqueciam a autoridade senhorial através de revoltas, fugas coletivas para os quilombos abolicionistas, denúncias de maus tratos e manifestações públicas em prol do fim à escravidão. A abolição tornou-se uma bandeira popular”.

Na Bahia, canoieiros se negavam a transportar escravos para os fazendeiros, e, ao mesmo tempo, ajudavam escravos fugidos a escapar das fazendas de açúcar do Recôncavo baiano. No Ceará, o

jangadeiro Francisco José do Nascimento tornou-se reconhecido, sob a alcunha de Lobo do Mar, após liderar uma revolta no porto de Fortaleza para proibir o tráfico de escravos para o Sudeste. Após este episódio se tornou símbolo do abolicionismo no Ceará, que decretou a abolição em seu território em 1884. Em São Paulo, os Caifazes ajudavam escravos a fugir, e os abrigavam no Quilombo Jabaquara, na cidade de Santos. O mesmo acontecia no Rio de Janeiro, no Quilombo do Leblon, e no Recife, a partir da atuação do Clube do Cupim. (MENDONÇA, 2016 p. 147).

O exercício de localizar as agências dos negros na história da humanidade é uma característica fundamental na afrocentricidade. A história que é contada na cidade de Pindamonhangaba é a valorização demasiada do passado escravista, como se a história hegemônica fosse a única. O debate da afrocentricidade oferece outros horizontes ontológicos, epistêmicos e políticos para compreender as inscrições negras no espaço.

A afrocentricidade permite que os africanos *deslocados* – removidos ou desenraizados de seu território cultural e afastados da teoria e das tradições africanas – se *relocalizem*, ou seja, retomem a humanidade, a história e a herança que lhes foram negadas, reapropriando-se delas. Como crítica, a afrocentricidade *localiza* os elementos antiafricanos e anti-humanos do pensamento e da prática particulares que se apresentam como ‘a religião’, ‘a ciência’, ‘a arte’ ou até ‘a tradição antiga’. Examinando-os contra o pano de fundo da epistemologia e da experiência históricas e culturais africanas, oferece uma alternativa ética igualitária ao impulso imperial. Ademais, como corretivo, a afrocentricidade *realoca* e *recentraliza*, fornecendo tanto aos seus adeptos quanto aos ‘sujeitos’ (por oposição a ‘objetos’) sob exame e/ou questionamento bases mútuas e morais sobre as quais se podem engajar criticamente e estabelecer um intercâmbio dialético uns com os outros. Os afrocentristas interpelam as dicotomias científicas ocidentais: mente *versus* corpo; eu *versus* outro; cientista social como sujeito *versus* pessoa, lugar ou fenômeno sob investigação ‘científica’ como objeto. Os afrocentristas julgam problemática a ‘abordagem desinteressada’ que pretensamente permite a ‘objetividade’ científica porque não questiona – ou, na linguagem dos afrocentristas, não *localiza* – as raízes racistas do empreendimento científico ocidental (Asante, 1990, 1992, 2000a; Outlaw, 1996, 2003) (RABAKA, 2009: 134/135).

Assim o debate da afrocentricidade nos permite nos localizar dentro da sociedade em que vivemos. A afrocentricidade também pode ser uma estratégia de permanência nesses ambientes hostis. Para Neuza Santos Souza (1990), “exercer a autonomia é também construir um discurso conectado com a realidade concreta e fundamentada sobre si mesmo”. Construir esses discursos significa também possibilidades de ser agente da sua formação e produção acadêmica.

No início da minha graduação assumi uma posição ética localizada na perspectiva negra na psicologia. “Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades” (Neuza Santos Souza 1990, pág. 18). É urgente a identificação da experiência negra brasileira reconhecendo seus saberes, seja através da ancestralidade, do corpo, da música. Por via das diversas perspectivas que coloquem o negro no centro das discursões. Desta forma, desenvolvi uma relação afrocentrica deslocando a construção do negro e de sua importância na história da sociedade.

Existe um grande esforço de pensamentos, conceitos, filosofias e teorias negras que denunciam e sobretudo reconhecem/conhecem as contribuições da negritude. E saber disso é conhecer as contribuições negras para a história. Saber dessas histórias, conceitos e filosofias é uma forma de não violentar novamente a população negra, o corpo negro. Pensar por exemplo, nas contribuições de Lélia Gonzalez, é considerar essas histórias e esses saberes, uma estratégia de não contribuir para intensificação da subjetividade branca narcisista, entre outros efeitos do racismo para subjetividade branca.

No empenho de localizar o corpo-pesquisar que digo dessas histórias, a experiência anterior, em Pindamonhangaba é o ponto de partida, localizando um corpo que não está agenciado.

O caminho que sigo a partir daqui é de um corpo negro orientado para liberdade e de compreensão do legado ancestral, que em Volta Redonda, encontrei em diversos espaços. Um desses espaços foi o Memorial Zumbi e o Centro Espírita Nossa Senhora da Guia. Um corpo negro que não se fragmenta nos lugares que ocupa. A construção da responsabilidade coletiva também produz essa pesquisa, o esforço de colocar o meu corpo em jogo é um exercício, que diria afrocêntrico, de não colocar as narrativas, histórias e cultura negra apenas como objeto de estudo.

2. Capítulo 2: O corpo território e Volta Redonda

O corpo negro que traz consigo a experiência da escravização, a experiência da luta por sua sobrevivência é um corpo o qual sempre está sendo convocado a relembrar da violência colonial, onde somos o corpo suspeito, o corpo sexualizado, o corpo morto pelo Estado. Esse mesmo corpo vive a experiência da ancestralidade, das referências que nos ensinam as resistências e as estratégias de vida. Tavares (1984) tencionando o projeto eurocêntrico afirmava que:

O corpo aparece, assim como o depositário de inúmeras experiências realizadas no cotidiano; como arquivo das informações que ficaram evidenciadas por intermédio dos gestos e dos movimentos corporais. É o corpo um arquivo não-verbal e por intermédio dele a memória comunitária é recuperada, passando o corpo a falar e salvaguardar a memória do grupo através das modulações gestuais que foram possíveis de serem elaboradas. (TAVARES, 1984, p. 63)

A presença de corpos negros afirmando a sua territorialidade se constituiu, ao longo da história, um elemento de grandes tensionamentos. E dentro do ambiente acadêmico não é diferente. De fato, é um ambiente hostil que impossibilita a permanência. Penso a permanência também no sentido “simbólico”, podemos pensar: quantos professores negros existe nesse ambiente? o que no currículo acadêmico diz sobre as questões raciais? qual é imaginário do negro nesses ambientes?

Na maioria das vezes pessoas negras em determinados espaços carregam nos discursos e nos olhares a representação de todos os negros. Eu, como um corpo negro, não sou apenas *uma pessoa* que gosta da psicologia social, eu sou uma **pessoa negra** que gosta da psicologia social. Grada Kilomba (2019), nos elucida muito bem em relação a essa figura negra solitária nos espaços de maioria branca, que passa a ser porta voz de uma história, de uma raça, num processo extremamente violento.

A experiência acadêmica foi fundamental para que conseguisse compreender e analisar os contrastes do conhecimento acadêmico e a cidade. E a possibilidades de permanência se deu nos encontros e na compreensão dos territórios negros.

No processo de conhecer a cidade em 2015 encontrei o Centro Espírita Nossa Senhora da Guia (CENSG). Um terreiro de Umbanda localizado no bairro Beatriz Gama, em Volta Redonda, chamamos o terreiro de **quilombo**² porque é um espaço comunitário que não tem problema com a diferença. Um lugar que trabalha a ancestralidade respeitando a individualidade de cada um dentro de uma coletividade.

O CENSG é localizado em um bairro distante do centro da cidade com pouco acesso, o bairro Beatriz Gama não possui muitos equipamentos públicos. No início do bairro existe um hospital psiquiátrico desativado e no final do bairro um antigo orfanato chamado Fundação Beatriz Gama. Hoje com os avanços do ECA é uma instituição que acolhe crianças e adolescentes que estão em risco social. Estas instituições serviram historicamente como “depósitos de corpos negros”, uma política recorrente no Brasil, muitos moradores são oriundos desse antigo orfanato, e isso é um importante fator para entender por que esse território e como ele está à margem das políticas públicas.

Nesse contexto, o Centro Espírita Nossa Senhora da Guia (CENSG) se insere em uma dinâmica de trabalhar a espiritualidade e a ancestralidade através da cidadania, como sempre fala a Mãe Celia Morais. Envolvendo e ampliando os domínios do quilombo para o território do bairro, e rompe com os muros do terreiro e dos limites do bairro Beatriz Gama.

No terreiro pela primeira vez, acessei a negritude enquanto força e não enquanto violência. A primeira vez que entrei nesse quilombo da vovó Maria Conga, eu observei cada detalhe, com olhares muitos curiosos e atentos. As imagens dos Orixás negros, os pontos cantados, as danças, o cheiro do defumador, as pessoas com suas roupas ritualísticas e as danças me envolveram em um encantamento ancestral. Como se pela primeira vez eu estivesse conectada a algo, mesmo que ainda não compreendia, era uma energia que me invadia por completo. Nesse

² A comunidade do Centro Espírita Nossa Senhora da Guia, entende que espaços onde se vive a cultura negra no cotidiano, são espaços de resistência e por isso se autodenominam quilombo. Utilizando a ideia de quilombo urbano da autora Beatriz Nascimento.

espaço eu pude me fortalecer, a cada ponto, a cada ensinamento das minhas mães e pai de santo.

As palavras que ecoam das entidades nos pontos, são sobre a liberdade, a beleza, a cultura, as estratégias do povo negro e indígena e seus saberes. Essa afirmação das brasilidades e as histórias, convocaram muito a pensar o território negro (terreiro) que reivindica o lugar do negro na construção da sociedade brasileira.

O terreiro é um território negro, um espaço onde se vive mais do que uma religiosidade, se vivencia a cultura ancestral. Por via da Umbanda comecei a compreender o meu corpo como um corpo político e com uma responsabilidade coletiva. O terreiro não pensa apenas o seu espaço, mas o território de forma ampliada e isso compreende a totalidade do território negro. O CENSG, possui uma grande atividade na cidade, nesse território existem três coletivos, do qual eu faço parte e influenciaram a construção dessa pesquisa: Sentinelas da Aldeia, Grupo das Marias e Kekeê.

O Sentinelas da Aldeia, é um coletivo LGBTQIA+ negro e de povo de terreiro. Esse coletivo está inserido no Memorial Zumbi e ocupa uma cadeira no Conselho Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Disputando fundamentalmente a pauta LGBTQIA+ dentro do movimento negro de Volta Redonda. Reivindicando que as políticas públicas cheguem no LGBTQIA+ negro e periférico. Além de fazermos parte dessa população, entendemos que essa população LGBTQIA+ está marginalizada e as políticas públicas estão distantes desse público. Também temos o compromisso de acolher os LGBTQIA+ que chegam no terreiro, entendemos que a pessoa é o bem de alguém e respeitamos isso.

Existe diferença entre corpo público para um corpo político. O corpo público não consegue compreender as nuances de um corpo negro e LGBTQIA+, as investidas violentas da sociedade acessa mais facilmente esse corpo. O corpo político está compreendido na dimensão da luta e da reivindicação do respeito deste corpo de forma coletiva. Por isso que o acolhimento de um coletivo LGBTQIA+ dentro do terreiro e fora dele é importante, pois a dimensão coletiva transmuta algo que está na dimensão individual em algo que pertence também aos seus pares.

Temos também o coletivo, Grupo das Marias, coletivo mãe de todos os outros coletivos e pensa a saúde física e emocional das mulheres pretas do bairro Beatriz Gama e do terreiro. O coletivo teve uma parceria com um programa de estágio da

Universidade Federal Fluminense do curso de Psicologia, para pensar uma psicologia que compreenda esses saberes ancestrais. O projeto do estágio pensava a cultura negra como promotora de saúde mental. Como a psicologia compreende as culturas negras para pensar a saúde mental das pessoas negras. Atualmente, esse projeto está associado ao Projeto de extensão Núcleo de Atenção às violências estruturais (NAVE). O Grupo das Marias também possui um assento no Conselho Municipal de Políticas Públicas de Promoção da Igualdade Racial.

A palavra Kekerê significa sementes, o coletivo Kekerê é um coletivo que trabalha a cultura com jovens. O coletivo tem a função primordial de reconhecer o axé(talentos) de jovens, potencializando e fortalecendo sua autoestima.

Através dessas experiências na universidade encontrei alguns caminhos entre terreiro, cidade e universidade, reivindicando uma Psicologia que fizesse sentido, enquanto uma pessoa negra. Estrategicamente começo a utilizar em cada trabalho, seminário, estágios, monitorias, posicionamentos e questionando sobre a psicologia e a branquitude.

Com outros alunos negros do campus da UFF, articulamos um coletivo negro chamado NEGRUFF. O primeiro coletivo negro da UFF de Volta Redonda, criado em 2016. A principal pauta do coletivo era em relação às cotas raciais, “se tinha cota racial, onde estavam as pessoas racializadas?” Começamos, então, a cobrar que se tivesse uma banca de aferição das cotas raciais. Em articulação com outros coletivos negros de outros polos da UFF, conseguimos com que a universidade organizasse essa banca de aferição. A banca era constituída por alunos do movimento negro, professores e técnicos. Por um tempo essa comissão funcionou e começamos ver os efeitos de seu trabalho. Mesmo que ainda pouco, o número de pessoas negras no campus aumentou. Com o tempo ocorreu uma desmobilização desses coletivos negros e a universidade foi desmontando a comissão.

O caminho que eu percorri na universidade tem a dimensão da militância negra universitária. Estar nesse ambiente em coletivo de pessoas que compreendem o que é ser um corpo negro na universidade contribui bastante com a permanência. Novamente recorrendo aos ensinamentos do terreiro de construir algo que é compartilhado e coletivo.

O sentimento de coletividade, coloca em evidência que existiu uma história anterior a mim, um caminho sedimentado por meus ancestrais. Por isso, meu ponto

de partida possui uma responsabilidade de continuidade coletiva. Para que aqueles que vierem depois de mim, continuem numa perspectiva de um futuro para sempre. Um futuro em que possibilite a existência da negritude. Garantir esses futuros possíveis é a função primordial dos territórios negros.

O terreiro como um território negro tem a função também de criar caminhos possíveis com a sociedade. Esse foi meu ponto de partida para pensar o estágio curricular “Cultura, cidade e coletivos” que aconteceu no CIEP Rubens Machado, escola municipal localizada no bairro Vale Verde, situado na periferia volta-redondense, em parceria com a Secretaria de Cultura e o Memorial Zumbi. Com o projeto chamado “Zumbi na Escola” pretendia fortalecer o fluxo entre o Memorial Zumbi e as escolas de periferias da cidade. A partir desse estágio comecei a identificar que o Memorial Zumbi é um território negro. O fluxo entre escola e Memorial Zumbi era pensando em trocar experiências dos alunos com atividades na escola, relacionado principalmente com o afrofuturismo. A rede foi criada também para que as atividades que aconteciam no Memorial Zumbi pudessem chegar na escola. Minha posição, no decorrer do estágio, foi conhecer e mapear as vias por meio das quais as questões raciais são transmitidas aos alunos. Percebia que o espaço do Memorial Zumbi dos Palmares, criado por uma agência do movimento negro, tinha grande centralidade na cidade de Volta Redonda.

E, ocasionalmente, a partir das demandas apresentadas nas conversas e encontros, propor algumas ferramentas tais como o afrofuturismo, no qual se vislumbra um futuro em que o negro existe em outras posições. Esses instrumentos foram construídos em oficinas no intervalo das aulas e eram ferramentas que faziam ver-falar as questões raciais, territorialidades e culturais.

O projeto, conforme mencionado, foi construído em conjunto com o Memorial Zumbi e a Secretaria de Cultura, a proposta era também firmar uma conexão entre identidade e cultura negra, com o espaço que é um território negro. Essa experiência foi fundamental para mim, enquanto psicóloga e pessoa negra, já que possibilitou a compreensão de outras disputas urbanas e as experiências negras e suas territorialidades no contexto de cidade.

De fato, o Memorial Zumbi carrega força vital que reverberam entre os coletivos negros e organizações social do negro. Uma energia que se renova diariamente a cada roda, músicas, dança, rima de hip hop e reuniões políticas e do conselho Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Existe algo que é

comum na cultura brasileira negra. As rodas, o corpo, a musicalidade. São elas que fortalecem o sentimento de coletividade. Isso são formas de fazer, de passar o conhecimento e também dá lugar no mundo. O Memorial Zumbi é um dos espaços na cidade referência da cultura negra, um lugar aglutinador das experiências negras na cidade

Em 2020 me formei em psicologia focada nas questões raciais, reconhecendo os territórios negros da cidade de Volta Redonda. Questionando de quais formas a psicologia poderia dizer desses espaços.

Há um ano estou como servidora responsável pela Divisão de Promoção da Igualdade Racial da Secretaria de Políticas para Mulheres e Direitos Humanos. Assumir este cargo foi um desafio e aos poucos fui compreendendo a diferença entre ser uma pessoa militante e uma pessoa militante que representa a gestão pública.

A função da secretaria de Políticas para Mulheres e Direitos Humanos é trabalhar de forma transversal e intersetorial. Dentro da Divisão de Políticas de Promoção da Igualdade Racial é um desafio abordar o tema racial em toda estrutura pública municipal.

No entanto, entre diversas atividades, projetos e políticas que desenvolvo na divisão, as ações implementadas também estão conectadas ao espaço Memorial Zumbi. Principalmente na responsabilidade de acompanhar o **Conselho de Políticas de Promoção da Igualdade Racial- COMUPPIR-VR**

O conselho está ligado à estrutura da Secretaria de Políticas para Mulheres e Direitos Humanos de Volta Redonda, especificamente lotado na responsabilidade da Divisão de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, da qual sou responsável. O conselho possui uma sala e funciona dentro do espaço do Memorial Zumbi.

O COMUPPIR-VR foi criado por lei municipal em 2008, com mandato de quatro anos, sua última gestão estava irregular ainda em 2021 no mandato 2016-2019. Com as ações do ministério público que cobravam a regularização do referido conselho, Esforços do poder público de fazer a movimentação para a regularização em conjunto dos movimentos sociais e a Secretaria de Políticas de Mulheres e Direitos Humanos de Volta Redonda. Se articulou uma comissão para que o processo fosse democrático.

Nas eleições de 2021 do COMUPPIR-VR o contexto mudou bastante desde o último pleito, as organizações que disputam as vagas não são as de sempre.

Nessas eleições, os coletivos de terreiro, de jovens e LGBT também disputaram as vagas para compor o conselho. E então, as disputas geracionais se apresentaram fortemente nos pensamentos de formas de atuação.

Os conselheiros mais novos representam a atualização do movimento negro, com os mesmos ideais que os mais velhos, porém não partem do mesmo ponto de partida. Não são movimentos com bases sindicais ou católicos e sim coletivos de religião afro-brasileira e LGBTQIA. Todos eles se articulam através do Memorial Zumbi de alguma forma. Foi necessário fazer um mapeamento quantitativo dos coletivos, principalmente dos mais novos. Dentro do conselho de igualdade racial existem dez coletivos, entre coletivos políticos, culturais e afro religiosos. Desses, dez pelo menos quatro são novos, com mínimo de cinco anos de existência. Na cidade de Volta Redonda há pelo menos vinte e um coletivos. Existem grupos de rima e capoeira. Grupos políticos ligados à cultura afro-brasileira que são coletivos ligados à cultura negra, desde grupos de dança afro a rodas de terreiros da cidade. Como a Comissão de Terreiros Mojubá, que possui 50 terreiros associados e que ocupa o Memorial Zumbi dentro do Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial. Existem também organizações negras, como o MNU e a UNEGRO que são coletivos com maior amplitude. Importante perceber a diversidade de grupos que ocupam e disputam essa arena (Santos, 1978).

O conselho é um instrumento importante da sociedade civil, é a instância que fiscaliza as políticas públicas, por isso é fundamental que esteja regularizado e funcionando. Entendendo o Memorial Zumbi como um centro que localiza a negritude de Volta Redonda, muitos dos trabalhos são pensados a partir dele como um espaço de grande conscientização. O desafio da atual formação do conselho está diretamente ligado ao diálogo entre pessoas que iniciaram muitas ações importantes na história da cidade e os jovens que possuem outras formas de entender as demandas, diria que mais abrangente na pauta dos direitos humanos, como pensar políticas voltadas para negros e negras LGBTQIAP+.

É de responsabilidade da Divisão de Promoção de Políticas de Promoção da Igualdade Racial de Volta Redonda, desenvolver atividade com a população de Volta Redonda entendendo que é uma oportunidade de acessar as demandas do município de Volta Redonda, E também construir instrumentos de política pública para fortalecer, dentro da gestão mecanismo de combate à discriminação racial. Como

leis, decretos e normativas técnicas para atendimento à população negra, com foco na coleta e análise de dados. Na formação de todos os servidores públicos municipais, tendo em vista que a Secretaria de Educação, Saúde e Assistência Social, necessitam de formação continuada na atenção aos direitos e atendimento de pessoas negras no município. Algumas das atividades e articulações da divisão foram a : **I Semana Municipal de Combate à Discriminação Racial** - Atividade realizada nos bairros da cidade de Volta Redonda, com o objetivo de informar sobre os direitos de pessoas que sofrem ou sofreram discriminação racial e como denunciar a violação de Direitos e discutindo o direito a cidade e aos espaço de promoção da igualdade racial;

I Semana Negro-Indígena: Resistência e Retomada Cultural: Atividade realizada no Memorial Zumbi dos Palmares para fomentar ações afirmativas e de identificação relacionadas aos povos originários o povo negro. O evento teve a presença dos usuários de três CRAS's e duas turmas de alunos do ensino médio, com a intenção de coletar as demandas da população, a Divisão de Promoção da Igualdade Racial também é responsável pela população indígena e cigana;

Quando Educação, Cultura e Direitos se encontram: Roda de Conversa no Centro de Referência da Assistência Social, localizado no bairro Nova Esperança, uma localidade periférica em Volta Redonda-RJ. A atividade visou dialogar sobre caminhos interdisciplinares e transversais onde educação, cultura e direitos andam juntas para o pleno direito e acessos e oportunidades, importante dizer que o Memorial Zumbi, enquanto um lugar que promove a educação e acesso aos direitos, nessa atividade o espaço foi debatido como uma forma de acesso de direito a identidade negra;

Campanha Preconceito na Língua :Campanha lançada no formato online com a intenção de debater as palavras de cunho racista na sociedade, pensando em uma linguagem que não violente as populações racializadas;

Projeto “Se liga no Papo”, o projeto pretendeu convidar pessoas que são referência em seus bairros na atuação da luta contra o racismo, para contar sobre sua história de vida, e de quais formas o racismo afeta a realidade do bairro e quais foram e são suas estratégias de organização social e política para a superação do racismo e promoção da igualdade racial.

As gravações são realizadas no Memorial Zumbi, espaço que muitos desses convidados lutaram e disputaram a criação desse território. Esse projeto tem a

função de descentralizar as atividades negras do centro cultural da cidade, pretende ser uma ponte de diálogo para jovens e o espaço do Memorial Zumbi.

A intenção foi pensar o Memorial Zumbi enquanto um caminho que consiga também, chegar em bairros mais distantes da cidade.

Criação do Fórum Municipal de Igualdade Racial, com a proposta de discutir, avaliar e propor ações de promoção da Igualdade Racial, focando principalmente em movimentos que não fazem parte do Conselho Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. As reuniões do Fórum aconteciam no Memorial Zumbi semanalmente.

Enquanto Secretária de Políticas Públicas, a função da Divisão de Promoção da Igualdade Racial, também ouvir toda a população organizada ou não, articular com instituições do poder público e da sociedade civil para uma real compreensão das necessidades da população.

O Memorial Zumbi é o grande centro das questões raciais, por isso, mesmo que não trabalhe na Secretaria de Cultura, onde o Zumbi, na esfera pública, está referenciado, enquanto um equipamento cultural da cidade, todas as atividades coletivas e importante da Divisão de Igualdade Racial são realizadas no Memorial Zumbi. Pois, o espaço consegue aglutinar as questões raciais da cidade e também reverberar em diversas áreas, seja na cultura, na política municipal ou nos movimentos sociais negros.

Os caminhos para encontrar o diálogo entre poder público e sociedade civil, foram por via de mapeamento quantitativos e articulação com gestores de outras secretarias municipais, o **Mapeamento de Povos Indígenas**: Mapeamento das demandas dos povos originários tem como objetivo criar relações entre o movimento indígena e o Poder Público, promovendo ações afirmativas e conjuntas. Identificou-se que as divisões municipais não cabem para pensar a população indígena. Volta Redonda foi habitada pelos Puris, essa etnia é encontrada em todo Vale do Paraíba. Com a maior incidência populacional em Resende, município vizinho de Volta Redonda, entender a forma que o colonizador compreenda os limites geográficos, que não corresponde a noção territorial dos povos originários. Esse entendimento para além dos limites municipais é fundamental e, desde forma, as políticas públicas precisam articular um trabalho em rede entre os municípios vizinhos e algo mais grave também foi identificado, em Volta Redonda, a história e identidade indígenas foram massacradas ao nível de não encontrarmos esta

população em Volta Redonda. Obviamente que esse dado é interessante para entendemos que o trabalho deve ser de resgate e que é urgente;

Mapeamento de povos Ciganos: Mapeamento Cigano (Romani) tem como objetivo criar redes e fluxos entre o poder público para a garantia de direitos do Povo Romani. Os Romani transitam pela cidade de Volta Redonda e suas questões precisam ser analisadas pelo poder público. É comum que os Romani tenham problemas com questões sobre trabalho infantil, já que, segundo as leis brasileiras, crianças não podem trabalhar, porém é da cultura dos Romani que seus filhos comecem a aprender um ofício bem novos. O mapeamento apresentou esta como a principal demanda como a principal, como o poder público maneja essa questão cultural fundamental para os Romani é a grande questão.

Mapeamentos dos Terreiros: O mapeamento dos terreiros é um instrumento contra o racismo religioso e as invasões nos terreiros, este mapeamento foi iniciado enquanto movimento social em parceria com o ex-coordenador do Memorial Zumbi, Sid Soares, na época o poder público não investia no mapeamento, então íamos andando.

O trabalho consistia em visitar as casas de axé e terreiros da cidade, e entrevistar a liderança religiosa do terreiro. As entrevistas e os locais eram filmados quando permitido. As perguntas no geral eram sobre os espaços, como se organizavam, como era a convivência com a comunidade e se as lideranças conheciam outros terreiros em seu bairro.

A intenção era mapear de forma qualitativa e quantitativa as casas do axé e terreiros do município e depois fazer um documentário contando a histórias dessas casas e criar um aplicativo contendo os endereços das casas de axé e terreiros.

As localizações do terreiro, quase sempre eram em bairros periféricos e com uma importante intervenção social nos seus territórios. Alguns dos terreiros entrevistados hoje fazem parte da Comissão Mojobá e ocupam o memorial zumbi, a Comissão Mojobá tem um assento no conselho de igualdade racial e protagoniza as discussões na cidade sobre os direitos dos terreiros.

Quando entrei na divisão de Igualdade Racial, eu trouxe esse mapeamento para a secretaria para continuar o trabalho, porém não foi ainda possível dar continuidade, por falta de orçamento da divisão. O trabalho segue hoje em parceria com o coletivo Kekeê do terreiro Centro Espírita Nossa Senhora da Guia;

Organização da Conferência de Igualdade Racial Regional sediada em Volta Redonda: Volta Redonda foi a sede da V Conferência de Igualdade Racial, modalidade Sul Fluminense I e II, e recebeu diversos representantes das outras cidades do Sul Fluminense. Um dos direcionamentos da Conferência para o município de Volta Redonda foi a criação da Coordenadoria de Promoção de Igualdade Racial.

Importante salientar que Volta Redonda foi escolhida para sediar a Conferência por ter uma estrutura financeira melhor e também por ser referência do movimento negro no Sul Fluminense. Aprendi ouvindo o Presidente do Clube Palmares, organização que frutificou muitos coletivos na cidade, que o movimento era de ir em cada cidade da região conversar com os chefes do executivo sobre políticas de igualdade racial e em cada cidade o grupo aumentava, era como uma caravana que em cada cidade aderiram mais pessoas. E a partir dessas histórias que vamos entendendo porque Volta Redonda é a cidade do Sul Fluminense, com um bom e diversificado número de coletivos negros.

Inclusão no Município de Volta Redonda no Sistema Nacional de Promoção da Igualdade Racial- SINAPIR. O SINAPIR é um instrumento importante para os municípios, pois é uma forma de institucionalizar a política de igualdade racial. O município aderiu tardiamente ao sistema, a adesão aconteceu em 2022.

O antigo conselho não confiava na gestão pública na utilização desse recurso financeiro, o que de regra é bastante aceitável a do conselho posição. Porém, existem normativas legais que garantem que o dinheiro seja destinado às políticas raciais. A adesão do município no SINAPIR, somente foi aceita quando houve uma pequena renovação no conselho, e tiveram uma outra percepção sobre essa ferramenta, importante analisar que a presidência atual do conselho é da Comissão de Igualdade Racial da OAB e é uma mulher negra e jovem.

O SINAPIR também pode funcionar de forma estratégica para que o chefe do executivo tenha vontade política para criar órgãos de Promoção de Igualdade Racial. Esse sistema pretende fortalecer a política PIR, isso significa que existem editais que as cidades que aderiram ao sistema podem participar e trazer verba para o município.

Em 2022 a maioria dos editais foram de equipagem, em sua maioria de móveis e carros. Mas para o município participar do sistema precisará de uma estrutura mínima de conselho municipal de igualdade racial e órgão na estrutura

administrativa. Digo que o SINAPIR pode funcionar enquanto estratégia e tive a experiência de utilizar em outro município.

Ação intermunicipal e trocas de experiências: A Divisão de Políticas de Promoção da Igualdade Racial foi convidada para ajudar um município próximo a criar o Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial. Importante dizer que o convite partiu do movimento social que estavam articulando dentro desta cidade, essa ação demonstra a importância também de trabalhar de forma articuladas com outros municípios da região, construindo instrumentos de políticas de igualdade racial.

Depois que criamos a minuta do conselho, apresentei o SINAPIR e a importância de criar um órgão PIR na cidade para que a cidade recebesse verba federal, duas questões se apresentaram para políticos: dinheiro e projeção política.

Realizadas todas as reuniões e estratégias do movimento negro local e ancestral, tivemos resposta positiva sobre a vontade política do chefe do executivo local da criação do órgão e do conselho municipal. A presença forte do movimento social negro terá a função de regular as ações efetiva dessa política e de como vai funcionar em nível de estrutura, para não correr o risco de ser um espaço esvaziado.

Adesão no Convênio de Cooperação Técnica de Cidades Antirracistas da Prefeitura do Rio de Janeiro por intermédio da Secretaria Municipal de Governo e Integridade Pública (SEGOV) e a Coordenadoria Executiva de Promoção de Igualdade Racial (CEPIR).O Pacto de Combate ao Racismo e Promoção de Igualdade Racial e Rede de Cidades Antirracistas, tem a finalidade de consolidar a políticas de igualdade racial nos municípios do Estado do Rio de Janeiro, a partir de uma rede integrada, com plano de trabalho visando um modelo de governança entre os pactuantes para atuarem de forma coordenada, interinstitucional e intersetorial na promoção da política de igualdade racial, o convite para cidade de Volta Redonda participar do Pacto de Cidades Antirracista surgiu através do Memorial Zumbi;

Fórum de Gestores de Igualdade Racial do Sul- Fluminense, a criação do fórum foi articulada para aproximar os municípios da região a fim de trocar experiências de boas práticas e fortalecer os gestores municipais, que, em sua maioria, trabalham sozinhos em seus municípios.

É compreendendo as funções das políticas públicas de promoção da igualdade racial que vejo alguns caminhos importantes de serem acessados

enquanto gestão; movimento social, políticas de estados e de governo e articulações dentro do poder público municipal e estadual.

Digo estas ações para evidenciar que o meu olhar enquanto militante, gestora e acadêmica para o Memorial Zumbi é também afrocentrado e a minha leitura do espaço parte de vários lugares.

Por via da ancestralidade, no terreiro, que eu compreendi a importância da cidadania, uma formação que se fez na cidade, rompendo com o saber institucional que me posicionou enquanto gestora pública, psicóloga, umbandista e pesquisadora.

Conhecendo os agentes do movimento negro, os espaços de promoção da negritude e a história do negro em Volta Redonda, criando uma rede onde esses fluxos se conectam para construir uma política de reparação dentro e fora da esfera pública.

Esses são os olhares dessa pesquisa e os motivos pelos quais pretendo realizar um trabalho afrocentrado. Sem a intenção de um purismo que não consiga dialogar com outros autores negros que não se compreendem afrocentrados e não negros.

Acessando de perto as disputas dentro do movimento negro, enquanto agente público tive outras dimensões de suas disputas e é importante retornar ao Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial para analisar as disputas do movimento negro de Volta Redonda.

Os representantes da primeira formação do COMUPPIR-VR eram de coletivos mais antigos. Coletivos com origens sindicais e na igreja católica, que iniciaram a luta da pauta racial na cidade de Volta Redonda. Seja na igreja católica, nos sindicatos ou nos clubes da cidade, enfim, nos espaços que conviviam.

Volta Redonda é uma cidade com uma forte história sindical por causa da Companhia Siderúrgica Nacional e dentro da luta pelos direitos a igreja católica influenciou muitos atores locais. Durante o primeiro mandato do conselho 2016-2021, o conselho ocupa o espaço do Memorial Zumbi diariamente. O conselho tinha dois funcionários que eram cedidos da prefeitura para trabalhar dentro das atividades do conselho, o que é algo muito incomum. Os dois trabalhadores eram também representantes do movimento negro e também do poder público. A importância política que os coletivos mais antigos dão ao conselho é no sentido de receber os frutos de sua luta.

Vemos, como sugere Milton Santos (2002) o espaço marcado por forças centrípetas (criando enfrentamentos a luta antirracista), e forças centrífugas (nas disputas internas das distintas entidades do movimento negro que atuam naquele território). Podemos identificar as forças centrípetas das ocupações do movimento social no Memorial Zumbi, desde sua inauguração o espaço é utilizado na luta antirracista. E suas forças centrífugas nas disputas das diferentes frentes do movimento negro, momento bastante caracterizado nas reuniões mensais do Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial.

Compreendendo as narrativas que atravessam o meu corpo na cidade buscaram um território negro onde a possibilidade de vida fosse possível. O Memorial Zumbi está inserido na história da cidade e nos meus caminhos sendo uma agente localizada e agenciada por territórios negros.

Contudo, não é de uma forma passiva é uma posição de responsabilidade coletiva e atenta às premissas da afrocentricidade que elaboro um pensamento introdutório de reconhecer esse espaço que tanto serviu a minha identidade negra, e de tantos outros, enquanto um território negro.

São análises de um corpo negro urbano, religioso, analítico, propositor e sobretudo observador. Uma corporeidade afetada por territórios negros e que entende a importância de não colocar esses espaços em uma análise distante da própria realidade.

Conectando as narrativas e atravessamentos territoriais e a centralidade com o Memorial Zumbi na construção do território negro enquanto corpo negro e da existência identidade negra.

3. capítulo 3: A cidade operária e a luta da Identidade negra: Caminhos de um território negro em Volta Redonda.

A cidade é uma ideia construída para servir aos valores econômicos, culturais e sociais. Para que essa finalidade fosse atendida, os grupos hegemônicos, desenvolveram estratégias para categorizar o espaço geográfico e a dinâmica das relações. Definindo os conceitos de permissão do que é bom ou ruim, do certo ou errado e quais corpos são ou não permitidos. A memória também está em disputa na cidade, essa memória é construída, segundo Munanga (1990, p. 25) por duas vias, uma é “por acontecimentos, personagens e lugares vividos por segmentos da sociedade e a outra pelo acontecimentos, personagens e lugares herdados” o Memorial Zumbi em sua história está permeado por acontecimentos, ou seja, eventos voltados para promoção da igualdade racial localizando (Asante,1980) a cultura negra da cidade. É um espaço que rememora um passado comum e um presente identitário herdado pela cultura afro-brasileira e africana.

A cultura negra está presente em diversos espaços brasileiros e não seria diferente em Volta Redonda. Abdias do Nascimento (1980) fala que todas as grandes épocas de riqueza econômica do Brasil foram construídas pelos negros, foram momentos sangrentos para a população brasileira negra.

Para sobreviver ao genocídio negro, tivemos que criar estratégias, por liberdade e dignidade. Os espaços como Clube Palmares e o Memorial Zumbi inventam mundos possíveis e criam laços importantes para a existência negra na cidade. Esses espaços, que são frutos da cultura negra brasileira, permitem um futuro que é para sempre.

Em Volta Redonda as grandes riquezas da cidade produzidas pela a Companhia Siderúrgica Nacional também foi produzida pelas mãos negras, mas nada dessa riqueza serviu ao negro. Colocando em vista a construção de uma cidade operária que buscou uma modernidade, com status de cidade moderna, sem muitas diferenças do que a história conta e do que Abdias do Nascimento (1980) afirma sobre a história do Brasil.

A metalurgia no Brasil constitui um papel econômico fundamental desde o período colonial e possui uma relação direta com escravizados que detinham o ofício, podendo ser encontrado, na longa duração, tanto nas atividades produtivas do engenho, como na caldeiraria e na produção de instrumentos agrícolas; na mineração,

com as técnicas de extração, fundição de metais preciosos (Alves e Neto, 2021)

Fundada em 1860, a cidade de Volta Redonda era um distrito de Barra Mansa, município da região sul fluminense do estado do Rio de Janeiro, que se emancipou em 1954, carregando tradições escravistas do Vale do Paraíba na implementação e construção da cidade industrial.

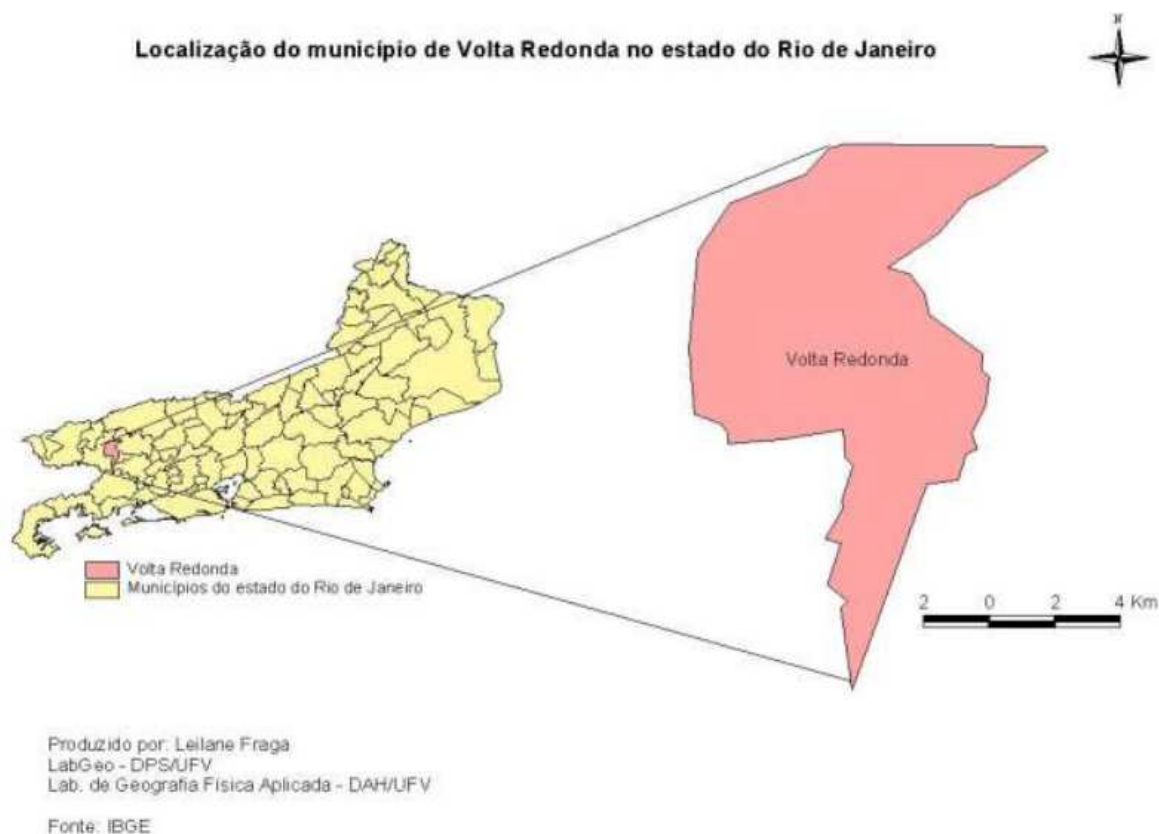


Figura 12-Mapa de Volta Redonda- RJ

Produziu-se uma cidade que representou o progresso moderno branco-europeu. A criação jurídica do Município de Volta Redonda (Figura 12), se deu com a fundação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). Volta Redonda antes da construção da Companhia Siderúrgica Nacional era composta por fazendas, segundo Silva “Volta Redonda era uma área rural” (pág. 09. 2010).

A localidade expressava a transformação do país que se viabiliza através dos trabalhadores urbanos, majoritariamente operários, contudo a grande maioria dos trabalhadores braçais, em serviços mais pesados, eram trabalhadores negros e o caso da Companhia

Siderúrgica Nacional consegue ser um ponto de aglutinação de pessoas e conceitos. (SILVA 2016)



Figura 13-Início do crescimento urbano do Município de Volta Redonda, entre as décadas de 40 e 50, e a CSN ao fundo. Fonte: IBGE, 2015

O município foi criado para abrigar e alimentar a força de trabalho da CSN, Figura (13). Como aponta Silva, “a combinação de forte pressão estatal de controle, domínio político e inclusão em uma cidadania regulada marcou a classe trabalhadora formada para a construção e operação da CSN” (pág. 09, 2010).

Uma vez definida sua criação, a escolha da área para instalação da usina recaiu sobre o estado do Rio de Janeiro, mais precisamente sobre Santo Antônio da Volta Redonda, então 8º. distrito do município de Barra Mansa. A localização e a construção da empresa deu-se igualmente sob a influência do Estado-Novo, reproduzindo muitas das características de um regime centralizador. (SILVA, 2010, p. 35)

A cidade foi construída não somente pela questão do trabalho, mas também pela categorização de raças que delimitou os espaços e criou dispositivos de poder da branquitude. Validado pela ideia da cidade do progresso nacional e pelo mito da democracia racial. De acordo com Silva a “transformação do país que se viabilizava

através dos trabalhadores urbanos, majoritariamente operários, contudo a grande maioria dos trabalhadores braçais, em serviços mais pesados, eram trabalhadores negros” (pág. 2, 2016). Vemos aí que o planejamento de novas cidades no Brasil mobilizou o critério racial em diferentes contextos espaço-temporais, mas com discurso de modernidade.

Uma vez definida sua criação, a escolha da área para instalação da usina recaiu sobre o estado do Rio de Janeiro, mais precisamente sobre Santo Antônio da Volta Redonda, então 8º. distrito do município de Barra Mansa. A localização e a construção da empresa deu-se igualmente sob a influência do Estado-Novo, reproduzindo muitas das características de um regime centralizador. (SILVA, 2010, p. 20)

Também vale destacar que Volta Redonda foi uma cidade de segurança nacional por causa da CSN. Inclusive, durante a década de oitenta, Volta Redonda era conhecida como a Cidade Vermelha em função do forte movimento sindical, que era fundamentalmente de pessoas negras.

A forma como foi equacionada a construção da cidade sobre o território que hoje é Volta Redonda, a separação hierárquica, o jogo realizado na geografia – determinando às partes altas para as classes dominantes, e as partes planas para o proletariado – demonstra que a cidade foi construída com o objetivo de ser uma máquina disciplinar, direcionando, orientando e centralizando a vida de seu habitante na usina siderúrgica que ocupa o centro geográfico de seu território. A onipresença da empresa e seu controle sobre o trabalho, a educação, o lazer e a moradia dos habitantes da cidade forjaram o trabalhador disciplinado da empresa estatal (CAMARGO, 2019, p.31).

Volta Redonda, segundo BEDÊ (2007) foi construída a partir da CSN, a cidade surge enquanto um projeto operário.

Além da construção da usina e da infra-estrutura diretamente necessária ao empreendimento (linhas de transmissão elétrica, linhas férreas, estradas etc.), o Estado brasileiro foi o responsável pela implantação da cidade (urbanização, moradias, saneamento, bens coletivos) e pela manutenção de todos os seus serviços (segurança, transporte, saúde, lazer etc.). Uma equipe de engenheiros e arquitetos chefiados por Attílio Corrêa Lima ficou responsável pelo projeto da cidade operária. Seu traço de inspiração modernista-racionalista deu à topografia local uma representação hierárquica. (BEDÊ, 2007 pág 104)

Os tensionamentos das forças políticas (nas disputas) eram intensos e muito bem demarcados na organização e controle da cidade. “Havia disputas nos espaços de poder, lazer e cultura, o branco nunca teve que se preocupar com o seu espaço” (CLÍMACO, 2020). Criou-se nesse território trabalhadores e moradores de uma cidade que eram vigiados pela empresa, segundo Silva “constitui assim num caso relevante para o estudo da constituição do espaço urbano como terreno de ação política naquele período.” (Pág. 09- 2010).

Havia uma forte noção de que cada grupo social ocuparia um espaço determinado, de acordo com suas funções. O espaço urbano foi projetado para reproduzir a hierarquia da empresa: os melhores bairros, localizados nos pontos mais altos da cidade, eram destinados aos cargos de alto escalão; parte da periferia destinada às moradias operárias; as casas mais próximas da empresa receberiam os funcionários que possuíam cargos técnicos. Durante todo o período em que a cidade ficou sob a gestão da CSN, houve o controle sobre a utilização das casas da cidade industrial. (SILVA, 2010, p. 19).

O poder de controle exercido pela CSN na cidade, tinha bases racializadas e pode ser observado em toda a estrutura da cidade-indústria. Desde cargos, bairros e o acesso ao direito à cidade. A região do Vale do Paraíba, onde fica localizada a cidade de Volta Redonda, foi uma região que teve altos índices escravistas e passou pelas fases de riqueza dos surtos econômicos da época.

Os trabalhadores negros eram tratados pela companhia com as tradições escravagistas do vale do café, misturada com a narrativa sobre direitos do trabalhador, o ideal nacionalista e a democracia racial.

Sob forte discurso nacionalista em que se forjava a industrialização do país se escondia determinadas continuidades herdadas de modelos econômicos passados e que se impunham aos novos trabalhadores. Forte indício desta continuidade pode ser apreendido na foto que mostra a tal “gente bruta” em seu trabalho pesado, que segue descalça e carregando pedras na cabeça, majoritariamente trabalhadores negros. (SILVA, 2010, p. 42).

Na década de 60 a militância sindical dos jovens negros, criaram o Clube Palmares (figura 14). Segundo Silva e Clímaco (2020), o Clube Palmares foi fundado em 1965 em Volta Redonda no bairro Jardim Europa. E a organização do Clube Palmares representou um movimento importante para a classe trabalhadora negra de Volta Redonda que vivia uma segregação nos espaços de lazer e cultura.



Figura 14-Diretoria do Clube nos anos 60 (site do Clube Palmares)

Segundo Alves e Neto (2020), o Clube Palmares foi criado pensando no lazer e na pactuação da cultura negra livre de segregação, havia no Clube Palmares diversos eventos, entre eles de beleza negra, (Figura 14).

Entre as décadas de 1940 e 70, os clubes associativos tornaram-se uma referência de lazer e status social na cidade e disseminaram-se com a fundação do Clube dos Funcionários, Aero clube, Umuarama, Náutico e Comercial, entre outros. Clímaco e Silva 2020 pag01)

Para Clímaco e Silva (2020), o Palmares transbordou de um espaço de lazer (Figura 14) e se transformou em um espaço que disputava o status político da cidade e contribuiu para a formação política e cultural de pessoas negras.



Figura 15-Evento Miss Colored no Clube Palmares

As lideranças sociais, donas dos clubes da cidade de Volta Redonda, proibiam a entrada das pessoas negras nos clubes de lazer. Segundo Silva (2010) os relatos dos operários falavam que as categorias raciais estavam presentes na cidade na década de 50. Essas categorias eram visíveis tanto nas entradas de pessoas negras nos clubes da cidade quanto nas políticas habitacionais que a CSN promoveu para seus operários. Com a necessidade de criar espaços onde pudesse socializar os militantes negros criaram o Clube Palmares.

O Sr. Jouvacy lembra de caso ocorrido no Clube Náutico, provavelmente na década de 1950, em que ao ir fazer um show no clube recebeu a seguinte informação: “(...) o senhor tá expulso daqui, não precisa voltar mais não(...)”. Ao procurar o motivo da expulsão, soube através de outro funcionário que havia ocorrido uma decisão de “(...) tirar tudo que é pessoa negra daqui”. (SILVA, 2010, p. 19).

A importância do clube, na “decorrência da experiência e agência diante do racismo e segregação ocorrida desde o início da industrialização e a consolidação da metalurgia na microrregião” (Alves e Neto, 2020 p.30) é fundamental para compreender o ponto de partida das disputas os quais a população negra ocupa espaços na cidade.

Ainda assim, fazem parte das experiências de luta e território da classe trabalhadora negra no Sul Fluminense século, assim como

bandas, grupos musicais, blocos carnavalescos bailes em residências restritos para a população negra, segregadas racialmente e territorialmente na “Cidade do aço”. Esses encontros e a necessidade de um espaço de lazer livre de segregação resultou na formação do Clube Palmares na década de 1960, fundado e pensado por negros e negras da cidade não só para o lazer, mas também para a manutenção e perpetuação da cultura negra no Vale Fluminense” Alves e Neto, 2020 p.29).

E é um ponto de partida para compreender porque o Memorial Zumbi é um território negro. A construção da importância de um espaço no centro da cidade e que ali, fosse um espaço para se construir e vivenciar a cultura negra partiu do movimento que Clube Palmares desenvolveu. “O clube opera até os dias de hoje e é um resultado da experiência e agência diante do racismo e segregação ocorrida desde o início da industrialização e a consolidação da metalurgia na microrregião” (Alves e Neto,2020,p.30)

3.1. O Memorial Zumbi é um território negro?

A importância e igualmente a urgência de se tomar cultura, subjetividade e política por conceitualizações imbricadas reside - do lugar de que dizemos esta análise - na compreensão de que as lutas por dignidade e pela própria possibilidade de existência de modos de vida e dos corpos não se esgotam nem se garantem simplesmente no âmbito das legalidades ou formalizações. As práticas de resistência ao controle das populações e dos corpos, e à desqualificação de saberes e perspectivas de mundo estão presentes nas histórias urbanas pelas mais diversas formas de sustentação de laços e sentidos, de estéticas, gestualidades, de relação com o sagrado e ludicidades, que fazem ver nas capilaridades do cotidiano uma potência de vida, força de criação.

Sob essa perspectiva, tomamos os territórios negros como fissuras no tecido social marcado por um projeto de Estado Nacional, cuja unicidade e homogeneidade apregoadas e perpetradas sob toda forma de violência, seguem invisibilizando as experiências da diáspora africana nas Américas. E se é pelas fissuras, pelos entre-lugares que os dizemos nesta pesquisa, isto dá pelo entendimento de que neles e por eles se narram histórias de resistências de ontem e de hoje. Narrativas que inscrevem outras temporalidades e espacialidades dissonantes daquelas que dizem de um urbano enquanto experiência de um tempo homogêneo e que segue sempre em frente (GAGNEBIN, 1999, p. 96).

Os territórios negros ou quilombos, como Abdias Nascimento (2019) propõe, afirmam sua existência pelo co-pertencimento e pela ancestralidade; afirmam-se por um nacionalismo inscrito na partilha e usufruto comum da terra (*ujamaa*, em suali) que tanto se diferencia de um u-topos romantizado, quanto, e sobretudo, de um xenofobismo que historicamente marca os projetos imperialistas aos quais o quilombismo se antagoniza e frente aos quais sustenta solidariedade com todos os povos em luta contra a exploração, a opressão e o racismo (NASCIMENTO, 2019, p.284). Eis, pois, sua atualidade cultural e política que une historicamente todos os territórios negros, os permitidos e os "ilegais", através de uma prática de libertação que diz da importância de se tomar o comando da própria história: seja como índice da resistência na experiência diaspórica ante à "outremização" (MORRISON, 2019, p. 23), seja como interpelação à experiência histórica como desrealização humana.

Tal atualidade se expressa de maneira contundente no pensamento da historiadora Beatriz Nascimento, uma vez que, à medida que a cidade vai se constituindo e atropelando a vida que não se quer permitir e produzindo apagamento e violência, as formas de se aquilombar e criar territórios negros se atualiza. E não somente como território de enfrentamento, mas como um espaço de possibilidades e de afirmações da intelectualidade negra, da criação negra, enfim, da existência da história negra que construiu o espaço urbano, mesmo sendo algo não permitido; "há um epistemicídio em curso na cidade", dirá Luiz Antônio Simas (2019, p.48). As contribuições das diversas áreas do conhecimento trazidas pela negritude são contribuições para a história da humanidade, quando se oprime e desconsidera essas contribuições é um ato de violência que desumaniza a todos.

Mas se essa atualidade é factível, não é sem que se possa identificar-se enquanto pessoa negra que se encontra no comando da própria história. Em uma de suas palestras Beatriz (1977, p.148) pergunta: "Você é brasileira? Porque eu não sou africana", dizendo-se, assim, enquanto mulher negra brasileira que se reconhece numa história que precisa ser contada. Uma história de si e uma história dos quilombos (territórios negros) para além dos documentos da repressão que dizem dos negros como vencidos ou daqueles que estão a todo tempo se rebelando. Os negros do Brasil não são africanos, mas também não fazem parte do projeto hegemônico de sociedade brasileira.

Se o território negro, desde seu início serviu a um status sobre negritude, mesmo que com as diferenças entre os primeiros quilombos e suas atualizações, hoje os vários territórios negros se aglutinam em diversos espaços urbanos por onde a luta por território ainda permanece, como no caso do Memorial Zumbi. O negro brasileiro sempre lutou pela terra e pelo espaço, é uma constante disputa civilizatória. Nunca foi um dizer sobre uma hegemonia negra, sempre foi por um reconhecimento de nação, que os negros são a nação brasileira e que o sistema imposto não servia. Pois dentro do território negro, "o quilombo não é um estado de poder no sentido que entendemos, poder político ou poder de dominação, porque ele não tem essa perspectiva. Cada indivíduo é o poder e cada indivíduo é o quilombo" (NASCIMENTO, 284 1994).

Os territórios negros surgiram na história brasileira, como possibilidade de vida negra dentro de um projeto de sociedade, como uma territorialização da negritude. E suas atuações sempre atenderam ao princípio da vida, seja por via da

sobrevivência, da existência e da identidade. Em todas suas potencialidades e formulações, o Memorial Zumbi representa a territorialidade dos corpos. No momento que o negro se aglutina, se agrega, ele está formando um território negro. Desta forma o Memorial Zumbi, como território da memória, é a garantia da existência dos corpos. Memória de um passado ainda aberto em que o Memorial Zumbi em sua simbologia se infiltra e cria memória e possibilidade de futuro.

Segundo Oliveira e Lopes (2023), existem algumas especificidades que podem demonstrar características existentes de um território negro e que podemos encontrar no Memorial Zumbi:

“Espaços de encontro, de produção de sociabilidades e vínculos ancestrais diaspóricos” e “Espaços de culto aos ancestrais e hierofanias e preservação dos saberes e práticas ancestrais”, Oliveira e Lopes (no prelo):

O Memorial Zumbi, tem a capilaridade territorial na cidade de Volta Redonda na organização de eventos e encontros na pauta racial e na sua própria criação. O Zumbi foi imaginado como um ponto de encontro focal da população negra, no centro da cidade. E também reconstrói diariamente o lugar do negro na sociedade. Podemos encontrar um agenciamento (ASANTE 1980), entre esses momentos de sociabilidade.

O principal evento da sociedade civil no Memorial acontece sempre próximo do dia 20 de novembro. Em 2017 aconteceu a primeira edição da semana do povo preto e o festival de Curimba do Sul fluminense reuniu os terreiros da região, festejando o sagrado em uma celebração da vida, levando o sagrado das religiões afro-brasileiras para fora dos terreiros. (Figura 16)

ENTRADA FRANCA
ABERTURA ÀS 15H

semana do povo preto

15 A 20 DE NOVEMBRO
MEMORIAL ZUMBI
VOLTA REDONDA - RJ

	15/11	QUARTA-FEIRA Iléa Ferraz - Monólogo Musical O Cheiro da Feijoada Clementino Junior - Cineclub Atlântico Negro Banda Municipal de Volta Redonda
	16/11	QUINTA-FEIRA Juliana D Passos e Meninos do Batuque Kenia Maria - Defensora dos Direitos das Mulheres Negras da ONU
	17/11	SEXTA-FEIRA Tambores do Cativoiro Ratel
	18/11	SÁBADO Áurea Martins Rodão de Jongo (Jongo Di Volta, Jongo de Pinheiral e Jongo de Arrozal)
	19/11	DOMINGO 2º Festival de Curimba do Sul Fluminense Tito Casemiro, Pai Etíó de Oxalá, Pai Ivo de Carvalho, Thami Coutinho
	20/11	SEGUNDA-FEIRA Desfile AFRO - Namib Pro Models / House Models Maryzélia Grupo Amigos do Gueto

figue ligado
Agenda completa e mais informações nas nossas Redes Sociais:
Coletivo Kekere
Semana do Povo Preto

APOIO:
VOLTA REDONDA SMC

VOLTA REDONDA SMC

Figura 16-Primeira Semana do Povo Preto, Memorial Zumbi em 2017, Fonte: Prefeitura de Volta Redonda

Entendendo o Memorial Zumbi enquanto o conceito de evento que Milton Santos (2022) elabora, a existência das dimensões de organização coletiva e governamental que podem interferir nas dinâmicas do evento. O Memorial é esse espaço onde existem esses dois grandes eixos de organização, o poder público e a

organização civil. Por exemplo, a nova gestão Municipal, em 2022 mudou o nome da “Semana do Povo Preto” para “Semana da consciência negra”.

Essa troca foi questionada por alguns militantes da cidade, que acham mais estratégico chamar a semana de a “Semana do Povo Preto”. A semana do Povo Preto foi construído por jovens negros do Coletivo Kekerê, um Grupo de Fomento à Cultura e Estudos Afro-Brasileiros dos Jovens do Centro Espírita Nossa Senhora da Guia em parceria com o antigo coordenador do Memorial, Sidcley Soares, representando a Secretaria Municipal de Cultura. O poder público tem a dupla posição de regular o espaço e ser diretamente regulado pelo movimento.

Além das ocupações dos coletivos e do Conselho de Igualdade Racial durante a semana, existem ações do poder público no espaço com projetos relacionados à igualdade racial. Entre eles o Prêmio Dandara e Zumbi dos Palmares, com a intenção de reconhecimento e valorização dos artistas e intelectuais negras e negros da cidade, que ocorreu no ano de 2018 e semana do povo preto em novembro de 2017 a 2020. A Partir de 2021 a organização do Festival de Curimba é do Centro Espírita Nossa Senhora da Guia, através do Coletivo Kekerê.



Figura 17-Divulgação da II Semana do Povo Preto em 2018 (Fonte: Prefeitura de Volta Redonda)

Importante descrever as atividades de ocupação nas Semanas do Povo Preto, a descrição a seguir é da II semana do Povo Preto, atividade de ocupação do Memorial foram, (Figura 17):

Exposição “Martin Luther King – Legado & Inspiração”:

O acervo contém 15 painéis e 15 posters cedidos pelo Consulado Geral dos EUA que retratam a história de Dr. Martin Luther King, ganhador do Prêmio Nobel da Paz de 1964 e um dos mais importantes ativistas dos direitos civis, na luta contra a desigualdade e o preconceito racial.

Discotecagem Bafro:

Três mulheres negras que se uniram para entretenimento e representatividade do público preto/LGBT de Volta Redonda e região, através da música.

Painel com Educadores – Aplicação da Lei 10.639:

Debate com educadores da rede municipal de educação sobre a aplicação da Lei 10.639, Lei que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas.

Lançamento de Livro Fora da Cafua e Bate Papo com o Autor Gabriel Sanpera :

"Das matas aos mares, Gabriel Sanpêra nos apresenta a poesia com café fedendo a sangue. A escravidão, o banzo, a periferia, a violência policial, o dia-a-dia que sufoca com e sem lirismo. A pancada vem, mas se mistura ao amor LGBT, ao acolhimento matrilinear, aos caboclos e à lemanjá. Poesia brasileira com ares de quem deseja mais e ouça. Tudo escrito nas pontas dos dedos, usando o próprio celular. Gabriel escolhe sua estética híbrida. "Preto nasce sem espera".

Show com MV BILL:

Um dos principais nomes do Rap nacional, MV Bill, que também é escritor, ator, cineasta, ativista social e fundador de uma das maiores ONGs do Brasil, a Central Única das Favelas. O rapper que já dividiu o palco com artistas como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Fernanda Abreu, Dudu Nobre e Cidade Negra, apresenta show com repertório que passeia por toda a sua carreira.

Encontro de crespas e cacheadas:

Rodas de conversas com participação da youtuber Joana Teles.

Mesa 1: "Meu cabelo AFRO"

Quer algo que renda mais assunto do que cabelo? Dicas sobre vários temas envolvendo o cabelo crespo, cacheado e ondulado, os cuidados e sua ligação com a auto-estima.

Mesa 2: "Empodere-se"

A mulher negra, sua autoestima e sua aceitação na sociedade no cenário atual.

Africanidade Já 2018 - Desfile Moda Afro

O desfile é idealizado pela blogueira Yngridi Oliveira e traz quarenta modelos para a arena do Memorial Zumbi.

Aulão de Charme

Para fazer o aquecimento da noite, Eduardo DJ, Paulista Dançarino e Andréia, do Projeto Charme na Praça realizam um aulão de charme aberto ao público.

Momento pra Dançar especial Baile Charme

Corello DJ, VJ Marcelo e VJ Fernando Flashback vão fazer o Memorial Zumbi inteiro dançar ao som de Black Music. Corello DJ, é um dos principais nomes e amante inveterado da black music. Foi ele o criador, em 1980, do termo “Charme” para definir um novo caminho do R&B, que privilegiava a harmonia e ritmo cadenciado, além de enfatizar a elegância entre os ‘charmeiros’, como uma forma consciente de reafirmar a auto-estima entre os negros.

10h – Contação de Histórias com a Cia. Caminho de Aruanda (Memorial Getúlio Vargas)

Histórias, contos e lendas afro-brasileiras vão ganhando vida através dessa contação de história com utilização de bonecos. O repertório é fruto de uma pesquisa do ator e diretor Carlos Eduardo Giglio que com uma dramaturgia e poética própria, às vezes com delicadeza, outras com muita graça, presenteia o público com muito axé.

Apresentação Musical Infantil com Julinho dos Palmares (Memorial Getúlio Vargas)

Julinho dos Palmares, Poeta, compositor e cantor Papagoiaba, conta histórias e as interpreta com suas músicas através de apresentações interativas e que estimulam o público a refletir sobre assuntos como o Meio Ambiente e os seres que nele vivem, educação, preconceito Racial e paz.

18h – Apresentação de Dança Afro com Coletivo Flor de Maio - Humanizar

O Coletivo Flor De Maio - Humanizar é um grupo que realiza ações no Memorial Zumbi e que compartilham vivências e expressões corporais.

Show com Babu Santana e Os Cabeças De Água Viva

Babu é ator e cantor, tem em seu currículo mais de 40 filmes, nacionais e internacionais. Em 2014, interpretou seu grande ídolo, Tim Maia, no longa-metragem de Mauro Lima. Suingue, carisma, balanço e energia: o show “Soul Babu” é uma

importante homenagem ao movimento black que revolucionou a cena musical nos anos 1970 e até hoje se mantém atual, onde cada vez mais se busca valorizar os espaços de representatividade da cultura negra. O “baile” é comandado por 12 músicos talentosos, experientes e afiados, verdadeiros especialistas em agitar a pista e não deixar ninguém parado. No repertório, hits de grandes nomes da Black Music brasileira, como Banda Black Rio, Farofa Carioca, Racionais MCs, além é claro, de Tim Maia.

Graffiti com a Expressarte Crew

Intervenções ao vivo com artistas de Volta Redonda e Barra Mansa embaixo da Biblioteca.

Apresentação Live Dub com Martché

O músico e produtor, leva pro palco algumas máquinas e faz remixes de algumas

de suas produções com diversos artistas brasileiros no estilo DUB, técnica psicodélica criada na Jamaica nos anos 60 em que recria os arranjos colocando e tirando instrumentos e vozes, aplicando efeitos de reverb e delay em tempo real, criando um ambiente único e envolvente.

Show com Folakemi

Conhecida por ter um timbre ímpar, que lembra facilmente as vozes das divas imortais do jazz, Folakemi decidiu deixar Londres e assumir de vez sua carreira de cantora profissional no Brasil. Já cantou em diversos festivais de música no país, como o Festival Latinidades e o Jazz e Blues, em Ibitipoca, e já dividiu o palco com artistas renomados, como Tony Allen (Fela Kuti), Vitor Biglione, Zezé Motta, Sergio Barrozo, Tomás Improta, entre outros. Atualmente, Folakemi está trabalhando em seu primeiro disco autoral. No show, é acompanhada pelo baixista Ricô Bass, o guitarrista Pedro Itan e pelo baterista Daniel Conceição.

VENHA CURTIR A

70 DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS #ApóieOsDireitosHumanos

II semana do povo preto

DIA 25 DE NOVEMBRO
14h às 20h Festival de Curimba

SECOM | Secretaria de Comunicação de Volta Redonda

Apresentação das Casas de Axé:
Terreiro de Umbanda Caboclo Cobra Coral - Ourinhos SP
Templo de Umbanda Luz Divina - Volta Redonda
Tenda Espírita Vovó Cambinda E Tia Chica - Pinheiral
Templo Umbandista Caboclo Caçador - Rio de Janeiro
Tenda Umbandista Fé Esperança e Caridade - Barra do Pirai
Tenda Espírita de Oxóssi - Areal
Grupo Ogãs Luz do Caminho - Itakamosi, Vassouras
Templo Espírita Caboclo Pena Verde - Araruama RJ
Centro Espírita Justiça e Amor - Rio de Janeiro

Apresentações Artísticas:
Cantor e Ogã Leo Batuke - Rio de Janeiro
Ogãs Thami Coutinho/ Pitter Franklin - São Paulo/Volta Redonda
Vô Toninho - Teatro de Boneco - São Paulo
Cantora Juliana D Passos - Florianópolis

20 A 25 DE NOVEMBRO
MEMORIAL ZUMBI
VOLTA REDONDA - RJ

VOLTA REDONDA SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

SMC SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

Programação completa:
facebook.com/CulturaVoltaRedonda

Figura 18- Festival de Curimba do Sul Fluminense

O Festival de Curimba ocorreu ao final da Semana do Povo Preto. O Terceiro Festival de Curimba do Sul Fluminense é realizado Coletivo Kekerê e recebeu terreiros de todo país para um festival que premia as melhores composições, e conta com a presença dos Ogãs e cantores que são jurados e realizam apresentações artísticas (Figura 18).

Programação do Festival de Curimba:

Apresentação das Casas de Axé:

- Terreiro de Umbanda Caboclo Cobra Coral - Ourinhos SP
- Templo de Umbanda Luz Divina - Volta Redonda
- Tenda Espírita Vovó Cambinda E Tia Chica - Pinheiral
- Templo Umbandista Caboclo Caçador - Rio de Janeiro
- Tenda Umbandista Fé Esperança e Caridade - Barra do Pirai
- Tenda Espírita de Oxóssi - Areal

Grupo Ogãs Luz do Caminho - Itakamosi, Vassouras
Templo Espírita Caboclo Pena Verde- Araruama RJ
Centro Espírita Justiça e Amor - Rio de Janeiro

Apresentações Artísticas:

Cantor e Ogã Léo Batuke - Rio de Janeiro

Ogãs Thami Coutinho/ Peter Franklin - São Paulo/ Volta Redonda

Vô Toninho - Teatro de Boneco - São Paulo

Cantora Juliana D Passos - Florianópolis

PROGRAMAÇÃO
ENTRADA FRANCA

III semana do povo preto
20 a 24 DE NOVEMBRO
MEMORIAL ZUMBI
VOLTA REDONDA - RJ

20/11 QUARTA-FEIRA
9h às 11h - Inauguração do Espaço Cultural Afro Rua (2º bloco do Mercado Popular do Retiro);
18h - Abertura da Exposição Orixá Itans
18h30 - Apresentação do Grupo de Dança Afro Iya Mi Dunda

21/11 QUINTA-FEIRA
14h às 21h - Exposição Orixá Itans
17h - Ensaio Aberto Cia Intervalo - A Cor do Sangue
18h - Apresentação Coletivo Flor de Maio Humanizar

22/11 SEXTA-FEIRA
14h às 21h - Exposição Orixá Itans
14h às 18h - Feira Troque Livros edição "Fogo nos Racistas" + Sarau
18h - Palestra "A Grande Jornada da África até Volta Redonda" com Durval Arantes

23/11 SÁBADO
14h às 21h - Exposição Orixá Itans
14h às 17h - Rede Feminina Preta de Moda Afro com participação de Fátima Negrann
17h às 21h - Roda Cultural de Rima de Volta Redonda

24/11 DOMINGO
14h às 21h - Exposição Orixá Itans
14h às 20h - Festival de Curimba (Encerramento) com: Ogans Luz do Caminho - Vassouras, Tomboras da Angola - Valença, União Espiritualista Mina Congo - Pilares, Curimbeiros de Xangô - Teresópolis, Tenda Espírita Vovó Cambinda e Tia Chica - Pinheiral, Curimbas Emoções e Fé - Rio de Janeiro, TUFEC - Barra da Piraí, Centro Espírita Ogum Guerreiro - Pinheiral, Feuphar/Pai Congo da Aruanda - Volta Redonda, Pérola D'Iemanjá, Cia Tempo de Brincar, Sapopemba e Roberta Nistra

VOLTA REDONDA **SMC** **CEMAS** **CEM** **ENTRADA FRANCA** **CACEMS**

Figura 19-Informativo da Programação da III “Semana do Povo Preto” última semana do povo preto em parceria com movimento social e poder público em 2020.

A última “Semana do Povo Preto” (Figura 20) foi realizada online por causa da pandemia do Covid-19. Em 2021 com a nova gestão a semana perdeu suas características culturais que estavam localizadas e agenciadas fundamentalmente

nas raízes do povo preto de Volta Redonda. A nova gestão compreendeu que a palavra PRETO poderia não ser aceita amplamente pela sociedade.



SEMANA DO POVO PRETO
ONLINE . 2020

DE 18 A 24 DE NOVEMBRO

- ▶ **18/11, às 20h**
Live das Mina Preta
Tema: Cultura afro brasileira com
Verônica Nascimento - Produtora Cultural RJ
- ▶ **19/11, às 16h**
Live com o estilista SantClair Pedro
Tema: Moda Afro Brasileira
- ▶ **20/11, às 12h**
Show com o Grupo Dandaras
- ▶ **21/11, às 12h**
Som dos Atabaques
- ▶ **22/11, às 12h**
Curimba Virtual
- ▶ **23 e 24/11, às 15h**
Feira Das Mina Preta ao vivo com
sorteio de 1 Caixa das Mina

LINK PARA ACESSO:
cultura.voltaredonda.rj.gov.br/culturaafro

 **PREFEITURA DE VOLTA REDONDA**  **SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA**  **CMPCVR**
COMISSÃO MUNICIPAL DE POLÍTICA CULTURAL DE VOLTA REDONDA

Figura 20-Cronograma da IV “Semana do Povo Preto”. 2020

Outro importante evento de mobilização da cidade no Memorial Zumbi foi a Premiação “Dandara e Zumbi dos Palmares” (Figura 20), realizados em 2018 e 2019. O evento promoveu o reconhecimento aos Negros e Negras do Município de Volta Redonda que se destacaram em diversas áreas como a MÚSICA, COMUNICAÇÃO, ARTES CÊNICAS, EMPREENDEDORISMO CRIATIVO entre outras. Foi lançado um edital de inscrição dos candidatos que foram votados pela população, essa votação definiu os vencedores de cada categoria, o resultado foi divulgado em uma cerimônia no Memorial Zumbi.

É HOJE!

**I PRÊMIO
DANDARA E
ZUMBI DOS
PALMARES**
VOLTA REDONDA - RJ

EM COMEMORAÇÃO AOS
28 ANOS DE CONSTRUÇÃO
DO ESPAÇO MEMORIAL
ZUMBI. PARTICIPE!

19 JUN 18h
TERÇA-FEIRA

**MEMORIAL
ZUMBI**

SHOW COM
LINIKER E OS CAMELOWS

SECOM | Secretaria de Comunicação de Volta Redonda

 **VOLTA REDONDA** | FIQUE POR DENTRO, ACESSE:
VOLTAREDONDA.RJ.GOV.BR



Figura 21-Prêmio Dandara e Zumbi em 2018, no Memorial Zumbi, evento dedicado a premiar militantes de referência de Volta Redonda, por voto popular. (Fonte: Prefeitura de Volta Redonda)



Figura 22-Público na arena do Memorial Zumbi no Dia da entrega das premiações

Nos anos de 2017 a 2020, o Memorial Zumbi viveu os maiores momentos de articulação entre os movimentos sociais negros e agentes negros. Foi também um momento de grande ocupação do pela sociedade de Volta Redonda. Com eventos que promoviam a identidade negra, em sua cultura diversa e ancestral(Figura 20). O Memorial Zumbi, então se inscreve como:

“Espaços de referências políticas e identitárias” Oliveira e Lopes (no prelo)

Uma característica fundamental do Memorial Zumbi é ter um ambiente que trabalha a localização (Asante,1980). É um espaço que aglutina os segmentos dos movimentos negros e reivindica um ponto de partida que coloca o negro no centro das discussões deslocando a imagem do negro enquanto objeto para o negro agente (Asante 1980) da sua própria história criando laços identitários.



Figura 23-Eleição do Conselho Municipal de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, dezembro de 2021- Memorial Zumbi, Volta Redonda. Fonte: Prefeitura de Volta Redonda.

A plenária de eleição ocorreu na arena do Memorial Zumbi (Figura 21), com aproximadamente 60 eleitores credenciados. As instituições que foram eleitas foram: Os Movimentos Sociais Negros Organizados ficaram com seis vagas, a serem ocupadas pelo Grupo das Marias, Centro Cultural Mandela, Movimento Negro Unificado (MNU), Clube Palmares, Movimento Punho Cerrado e Associação de Mulheres Mariana Crioula (AMAC).

Representando as entidades de classe, existe a Comissão de Igualdade Racial e Intolerância Religiosa da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil); os Núcleos de Estudos Étnicos Universitários são representados pelo Observatório de Direitos Humanos do Sul Fluminense da UFF (Universidade Federal Fluminense); as Instituições voltadas para os Direitos Humanos pelo Coletivo Negro-LGBTQIA+ Sentinelas da Aldeia; e as Instituições religiosas de Matriz Africana pela Mojubá – Comissão de Terreiros e Povos Tradicionais de Volta Redonda.

Os resultados das eleições trouxeram a renovação dos coletivos. Algumas organizações históricas permaneceram, como o Clube Palmares, assim como outras duas organizações oriundas do Clube. O Movimento de Conscientização Negra de Volta Redonda, o Grupo de Mulheres Negras Guerreiras de Volta Redonda, União de Negros pela Igualdade (Unegro), Centro Cultural Mandela, Clube Palmares,

Pastoral Afro, Grupo de Dança N'Zinga, Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá, Sindicato dos Trabalhadores(as) e Empregados(as) Domésticos(as) de Volta Redonda e Região Sul Fluminense, Curso de Direito do UBM (Centro Universitário de Barra Mansa). Dentre essas organizações, apenas os coletivos Tenda de Umbanda Caboclo Tupinambá; Sindicato dos Trabalhadores(as) e Empregados(as) Domésticos(as) de Volta Redonda e Região Sul Fluminense; e Curso de Direito do UBM, não tinha ligação direta com o Clube Palmares. O Memorial também é ocupado por coletivos culturais: Jongo Di Volta, Capoeira Abadá, Capoeira Caroço de Dendê, Projeto Ao Som dos Atabaques, Grupo de Dança Afro Iya Mi Dunda, Grupo de Dança Afro N'Zinga, Coletivo Flor de Maio Humanizar, Coletivo P2KP Break Dance, Grupo Dandaras, Projeto Aprendendo Dançando, Roda de Rima e Comissão das Folias de Reis

“Espaços de construção e organização política no enfrentamento ao racismo/antinegitude”. Oliveira e Lopes (no prelo)

O espaço disputa na parte mais central da cidade a narrativa de direito a cidade. O Memorial Zumbi se propõe a uma conscientização (Asante 1980) da promoção da igualdade racial e do antirracismo, suas ações dão lugar a uma identidade política, cultural e espacial negras. São estratégias políticas internas de produzir um espaço que dispute a política municipal. (Figura 24)



Figura 24-Manifestação do Movimento negro de Volta Redonda em 2020 O ato aconteceu depois da morte de um homem negro no Carrefour no Rio grande do Sul- Fonte Jornal tribuna Sul Fluminense.

Este espaço possui estratégias de encontro, celebração, comunicação e de referência identitária. Segundo o autor Milton Santos (pág. 96. 2002), os eventos não se dão isoladamente, mas em conjunto sistemático. Articulações que promovem sua organização, funcionamento e regulação. As reivindicações dos movimentos sociais cobram do poder público municipal que o Memorial Zumbi abraze suas portas apenas para ações relacionadas à igualdade racial em 2017.

3.2 Conceituações sobre território negro

A função primordial do território negro é o compromisso com a libertação da consciência de pessoas negras que foram furtadas psicologicamente, geograficamente, culturalmente e fisicamente de sua história (Asante 1980). O território negro é uma espacialidade em que a presença negra não está dissociada da construção da sociedade brasileira, segundo Sack (2011) a territorialidade é construída através na relação entre a sociedade e os espaços que estão inter-relacionados. O que vincula o sujeito ao lugar, para LINDÓN (2006) são os conjuntos relações dos indivíduos que fazem parte constituinte de uma sociedade e localizando (Asante 1980) o sujeito em um contexto que ele próprio reconhece e reconhecido. Os Territórios negros servem ao processo de identidade negra, e possuem também a função de agencia, Asante (1980).

O processo de identidade somente é possível através de uma coletividade que semeia a partir da cultura ancestral. Silveira (2013) expõe que podemos enxergar as territorialidades negras como espaços que criam “sentidos de pertencer àquilo que nos pertence” (SILVEIRA, 2013, pág. 36). Podemos também considerar que se o território negro serve a construção da identidade, então ele também é um espaço, segundo Asante (1980) um espaço de conscientização e que produz uma territorialidade de corpos políticos.

Segundo a antropóloga Ilka Boaventura Leite (1991), o território negro é construído por diversos motivos que não podem ser desconsiderados, tendo em vista as violências que a população negra historicamente é atingida no Brasil, ou para Asante (1980) que salienta o perigo das desagências que a população negra sofre com processo colonial e capitalista.

O território negro aparece então como elemento de visibilidade a ser resgatado. Através dos negros isolados pelo preconceito racial procuraram reconstruir uma tradição centrada no parentesco, na religião, na terra e nos valores morais cultivados ao longo de sua descendência (Leite, 1991. pág. 36).

Os territórios negros são espaços que buscam uma alternativa através da tradição negra e isso por sim já uma forma potente de sobrevivência e r-existência física e psicológica da população negra, o “espaço define a posição, o lugar, enquanto o território define um lugar marcado de um jogo, uma relação” (Leite, 1991.

pág. 43). E são também formas de ensinamentos dos valores civilizatórios que se apreende na coletividade e na oralidade. “A tradição negra tem sido, comprovadamente, o próprio enfrentamento à resistência cotidiana, da luta pela recuperação da auto-estima” (Leite, 37 1991).

Existem diversas configurações de territórios negros com a capilaridade de reverberar as tradições negras para conscientizar, para Asante (1980) a conscientização é a importância de localizar o lugar do negro na história da humanidade e suas contribuições. A autora Leite (1991), traduz duas interessantes formas de pensar esses territórios que demonstram as estratégias de resistência. Um são os territórios de ocupação residencial, que são fixos, familiares e possuem caráter de moradia, como por exemplo os quilombos.

Suas características principais: terras devolutas, viabilidade de permanência através da posse, com ou sem título, podendo ser comprada e regularizada em termos legais ou não. Possuem mais de uma unidade domiciliar ou uma grande unidade domiciliar congregando uma família extensa. A produção e a subsistência ocorrem através de estratégias coletivas. Nelas se dá a construção de códigos específicos de sociabilidade: linguagem corporal e verbal, formas de cooperação e reciprocidade construídas no cotidiano, mecanismos de solidariedade e troca baseados no parentesco (Leite, pág 46. 1991).

A outra forma de que a autora, Leite (1992) denomina território negro é “território interacional”. Essa leitura vai pensar em lugares que não necessariamente são fixos, são lugares de convivência de trocas, com momentos marcados e que influenciam na identidade, que possuem signos que recuperam a memória negra.

Têm como características principais o fato de serem locais de encontro e troca, nem sempre fixos, permeados por códigos simbólicos de pertencimento, que os diferenciam dos demais. Não se baseiam no parentesco consanguíneo, mas não o excluem. Acontecem a partir de um encontro marcado, com hora, local e data. Instituem certos tipos de prática: o comércio em mercados, praças e esquinas; o lazer em bares, galerias, praças, esquinas e clubes; a religião em igrejas, centros e terreiros; a política, em livrarias especializadas, reuniões em locais diversos. Leite, pág 46. 1991).

O nosso objeto de estudo se encaixa mais com essa segunda definição acima. São lugares que independem do vínculo sanguíneo e que propõem uma experiência compartilhada singularidades que elaborando uma troca de experiência e pode ocorrer em áreas urbanas e rurais “Em ambos os casos, a dimensão espacial

inclui uma base geográfica e um universo simbólico. Surgem no contexto de alteridade mais amplo” (Leite, pág 46. 1991). O território negro é o “espaço apropriado, delimitado, demarcado por um ator coletivo, seja o Estado, as empresas, as religiões ou grupos étnicos” (Ratts,1996 in 2007pág 87).

Então, um território negro é uma territorialidade que tem como premissa servir a vida do negro em sua necessidade através dos tempos. Segundo a autora Gusmão (1991) a territorialidade supõe identificação e defesa por parte do grupo: supõe a tradição histórica e cultural construída através dos tempos.

A territorialidade negra atualiza os valores civilizatórios afrodiáspóricos (Trindade 2005), nesses espaços podemos observar as formas que os ancestrais africanos entendem o mundo, seja o corpo que sabe jogar na roda, a circularidade e a sua relação com a natureza e a espiritualidade. “A espiritualidade é estabelecida nos referenciais das práticas vividas, saberes, fazeres” (Espíndola 2022. pág 80). Então é um espaço imerso nos valores não apenas concretos e materiais, mas também éticos, que se conectam com os saberes africanos e afro brasileiros de forma simbólica e afetiva.

O Território Negro é infundável, imensurável! Há uma Nação em cada um de nós, neste manto de ancestralidade por cada local que merece ser respeitado ou ser ainda descoberto; continuamos ainda, incutem nas mentes dos que nos ouvem o som das nossas vozes querendo igualdade, e que possamos andar juntos (Espíndola, pág 81 2005).

Importante questionar a que esses espaços servem e para quem servem. O que pulsa dentro e fora do Memorial Zumbi são os agentes negros que lutam contra o colonialismo em suas diferentes frentes. Ratts (2011), trabalha o conceito de lugar de negro da Leila Gonzales (1983), a construção da ideia de lugar de negro x lugar negro. Nos limites que esse trabalho contextualiza o Clube Palmares, podemos identificá-lo como lugar de negro. Pois foi construído em alternativa a segregação racial em Volta Redonda que proibia a entrada de negro em outros clubes da cidade. Por outro lado, o Memorial Zumbi, é um espaço de território negro, podemos entender, o lugar negro. “Os locais negros com quais indivíduos e grupos negros se identificam nos quais se reconhecem e são reconhecidos” (Ratts 2012pág 85).

O Memorial Zumbi representa um projeto civilizatório negro de um território negro, é um sistema que reúne estratégias de diversas culturas africanas e brasileiras que produz compreensões da negritude. Para Castells (2002), a

compreensão identitária negra está voltada para a construção da identidade territorial. Para o autor, a construção da identidade se dá como “matéria-prima” fornecida pelos saberes de diversas áreas, que são processadas por indivíduos, grupos e sociedades que contribuem para uma identidade coletiva.

Pensar na formação do Memorial Zumbi como um território negro, não pode ser sem considerar o contexto de Volta Redonda. Em Volta Redonda ocorreu uma segregação espacial. Seja nos clubes de brancos e negras ou na formação dos bairros.

A cidade foi dividida por funções e cargos da Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda os bairros são categorizados como bairros dos engenheiros, dos técnicos e dos operários. Isso é uma representação espacial do racismo que construiu a cidade.

As moradias construídas pela fábrica para abrigar seus funcionários distinguiam-se por diferentes padrões de conforto, serviços e lazer de acordo com os níveis hierárquicos de sua força de trabalho. Além disso, a cidade foi organizada em distintos bairros destinados a operários, técnicos e engenheiros. (BEDÊ, 2007, p.59).

Vemos, que a cidade vai se moldando para servir a Companhia Siderúrgica Nacional e a partir disso criou uma estrutura capaz de segregar as pessoas. Os bairros que eram majoritariamente negros, eram os bairros dos operários.



Figura 25-Vista da praça Brasil no Bairro Vila Santa Cecília em Volta Redonda-R (Fonte Jornal Tribuna Sul Fluminense)

Milton Santos (1978), afirma que as cidades vão se tornando mais rígidas, tanto em sua forma quanto em sua função e suas localizações. Então construir um território negro no centro da cidade no bairro Santa Cecilia, é uma estratégia de colocar a identidade negra, a cultura e corpo negro em uma estrutura rígida é romper o tecido social enegrecido. “Em torno do centro comercial se coloca a usina, de um lado, e de outro a “Vila Santa Cecília ”, bairro destinado aos técnicos e operários especializados” (BEDÊ, 2007, p.70).

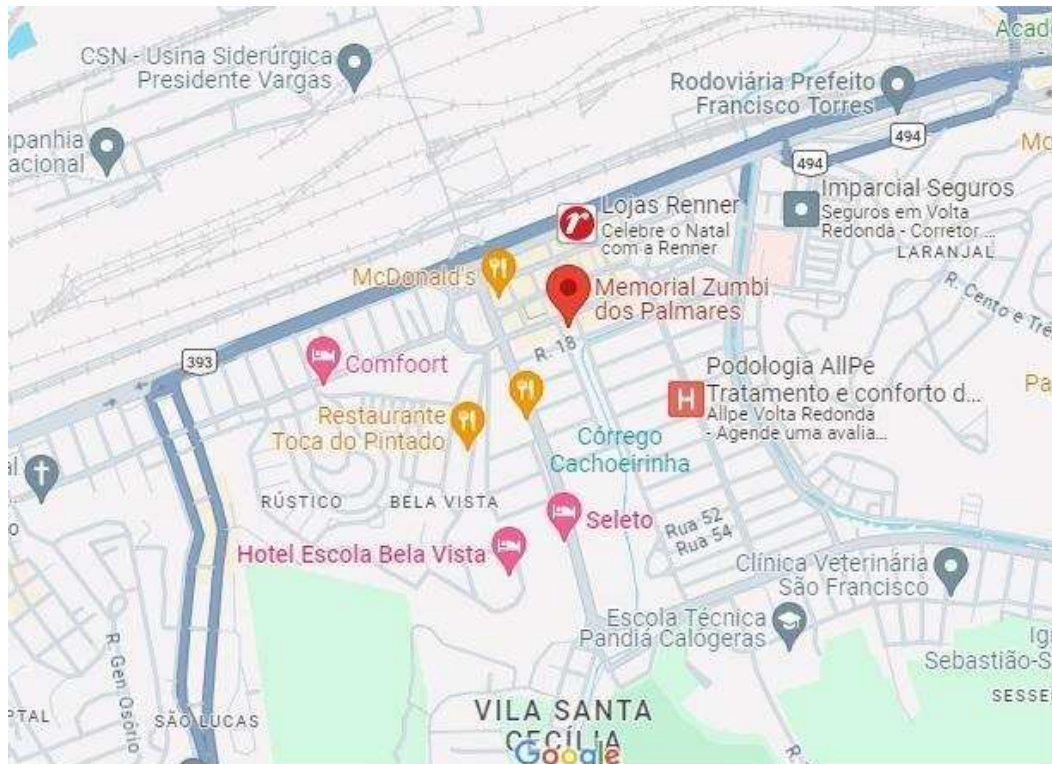


Figura 26-Mapa da Vila Santa Cecília em Volta Redonda-RJ

Interessante observar que lugares onde a branquitude não precisava conviver com a cultura negra, cultura que tem grandes influências na formação brasileira, não precisava conviver com corpos negros sem a posição de subalternidade. A criação do Memorial Zumbi, que é um espaço de referência negra, é impossível de não ser percebido, a branquitude é obrigatoriamente confrontada. Por isso, o Memorial Zumbi também é um espaço de relevância para todos os cidadãos de Volta Redonda, seja para identidade ou confronto, produzindo um espaço de justiça social.

5 Considerações Finais:

Esta pesquisa buscou compreender o Memorial Zumbi, localizado na cidade de Volta Redonda, enquanto um território negro. Com o compromisso de não colocar a produção negra nas margens do conhecimento, a cultura negra não entra como objeto de estudo. O negro está no lugar de produtor de conhecimento, a partir do corpo negro. Por isso, a absorção da experiência do corpo da pesquisadora. Respeitando as contribuições dos movimentos negros e dos agentes negros, para construção da cidade de Volta Redonda e compreendendo a importância e os sentidos dos contextos da construção do Memorial Zumbi no centro da cidade,

Como um dispositivo que se expressa espacialmente alimentando a cultura ancestral e retirando a negritude do exílio e segregação que a cidade impôs, o Memorial Zumbi rompeu a estrutura enrijecida do poder da branquitude. Promovendo a manutenção e fortalecimento da identidade negra, da autoestima, acolhimento, promoção de saúde mental e da possibilidade de vida negra.

O Memorial Zumbi, então, se inscreve como uma territorialidade negra em contexto urbano em Volta Redonda importante, para fortalecer e acolhimento das pluralidades e das diferentes expressões do povo negro e também de produzir novos olhares e perspectivas para a cidade.

Evidenciamos discursos que são reflexos da construção do imaginário do negro, da afirmação da negritude e as formas que o poder público entende o espaço, todos esses discursos estão na história do espaço. Interessante demarcar que o Memorial Zumbi tem a função de contribuir para a pauta antirracista. Os eventos, os encontros e os momentos de mobilização são abertos para toda a população. Então, enquanto um território negro, o Memorial Zumbi tem a potencialidade de trabalhar também com a branquitude, isso quer dizer que é um espaço que acolhe todas as pessoas.

Uma outra função principal do Memorial Zumbi é a reafirmação da negritude e das atualizações das culturas negras. E com isso, podemos compreender que o espaço transborda uma identidade que é brasileira, podemos afirmar que o Memorial Zumbi disputa algo que foi negado ao negro, a nacionalidade brasileira.

Como diz o ponto de umbanda cantando em todas as edições do festival de Curimba do Sul Fluminense:

“[...] brasileiro imperador, eu nasci foi no Brasil, brasileiro sim senhor. O meu pai é brasileiro, a minha mãe é brasileira e o que eu sou? Eu sou brasileiro”.

BIBLIOGRAFIA

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.) *Afrocentricidade. Uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Ed. Selo Negro, 2009.

BISPO, Antônio. Colonização, Quilombos: modos e significados. Brasília:Unb.,2015.

BEDÊ, Edgard Domingos Aparecida Tonolli:Pedagogia do Mundo do Trabalho na Companhia Siderúrgica Nacional: Americanismo, Compromisso Fordista e Formação da Classe Operária em Volta Redonda,2007. (Dissertação de Mestrado)

CAMARGO, G. M. *Ressignificações da antiga cidade empresa: olhares sobre Volta Redonda*. Dissertação (Mestrado) UERJ, 2019

CASTELLS, Manuel; BORJA, Jordi. La ciudad multicultural. La factoría, n. 2, 1997.

CLÍMACO, J. Entrevista concedida a(o) autor(a). Volta Redonda. 29 jun.2020

CLUBE Palmares: site institucional. *In: História do Clube Palmares*. [S. l.], 1 out. 2022. Disponível em: <https://www.clubepalmares.org.br/institucional>. Acesso em: 20 set. 2022.

DELEUZE, G. O que é um dispositivo? In: G. Deleuze, *O mistério de Ariana* (pp. 83-96). Lisboa: Vega, 1996.

DO NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**: Documentos de uma militância Pan-africanista. 1. ed. Rio de Janeiro: PERSPECTIVA, 1980. 390 p. v. 1. ISBN 9788527311496

GAGNEBIN, J. M. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999.

Haesbaert, Rogério Território e descolonialidade : sobre o giro (multi) territorial/de(s)colonial na América Latina / Rogério Haesbaert. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires :CLACSO; Niterói: Programa de Pós-Graduação em Geografia; Universidade Federal Fluminense,2021.

JOÃO, E. D. Entrevista concedida a(o) autor(a). Volta Redonda.3 jun.2020

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEITE, Ilka Boaventura. TERRAS E TERRITÓRIOS DE NEGROS NO BRASIL. TEXTOS E DEBATES NÚCLEO DE ESTUDOS SOBRE IDENTIDADE . E RELAÇÕES INTERÉTNICAS , SÃO PAULO, ano 1, n. 2, ed. 1, p. 1-26, 1991.

M, ASANTE. Afrocentricidade como Crítica do Paradigma Hegemônico Ocidental: Introdução a uma Ideia. Tradução: Renato Nogueira, Marcelo J. D. Moraes e Aline Carmo, [S. l.], ano 2016, v. XIV, p. 1-10, 1 out. 2022.

ALVES , Thompson Clímaco; NETO , Antônio Bispo. Ferreiros, “escravos operários” e metalúrgicos: trabalhadores negros e a metalurgia na cidade do Rio de Janeiro e na microrregião Sul Fluminense (Século XIX e XX). **Cantareira** , Dossiê Mundos do Trabalho / Dossier Worlds of Labor, ano 2021, n. 34^a ed., p. 1-22, 8 jan. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/44525/28058>. Acesso em: 29 nov. 2023.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Valores Civilizatórios Afro-brasileiros na educação. MEC- Valores afro-brasileiros na Educação. Boletim, v. 22, 2005.

MAZAMA, Ama. A afrocentricidade como novo paradigma. *In*: AFROCENTRICIDADE: Uma abordagem Epistemológica Inovadora. SÃO PAULO: Selo Negro, 2009. cap. 4, p. 11-127. Disponível em: <https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/04/afrocentricidade-uma-abordagem-epistemolc3b3gica-inovadora-sankofa-4.pdf>. Acesso em: 19 out. 2023.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. Arte & Ensaios. Revista do ppgav/eba/ufrj. n. 32. dezembro 2016.

MBEMBE, Achille. NECROPOLÍTICA: biopoder soberania estado de exceção política da morte. **Arte & Ensaios** , 2016, v. 1, n. 30, ed. 32, p. 01-03, 2016.

MORRISON, T. *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura*. São Paulo: Cia das Letras, 2019.

MUNANGA, Kabengele. NEGRITUDE AFRO -BRASILEIRA: PERSPECTIVAS E DIFICULDADES. Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo Revista de Antropologia, (33), 1990.

NASCIMENTO , Beatriz. **Eu sou atlântica sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: INSTITUTO KUANZA, 2020. 139 p. ISBN 85-7060-359-2. Disponível em:
<https://www.imprensaoficial.com.br/downloads/pdf/projetossociais/eusouatlantica.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2022.

NASCIMENTO, Abdias. Genocídio do Negro no Brasil: Um Processo de Racismo Mascarado. 2. ed. [S. l.]: EDITORA PAZ E TERRAS/A, 1978. 92 p. Disponível em:
<https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/04/o-genocidio-do-negro-brasileiro-processo-de-um-racismo-mascarado-abdias-do-nascimento.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2022.

SANTOS, Neuza Souza. Tornar-se Negro ou as Vicissitudes da Identidade do Negro em Ascensão Social. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.

NOGUEIRA, Azânia Mahin Romão. CONSTRUÇÃO CONCEITUAL E ESPACIAL DOS TERRITÓRIOS NEGROS NO BRASIL. **Revista de Geografia (Recife)**, [s. l.], v. 35, n. 1, ed. 1, 2018.

Oliveira, Denilson Araújo e Lopes, Diego Dhemani. Territorios Negros: Primeiras reflexões sobre as espacialidades urbanas afrobrasileiras. No Prelo

PASSOS et. al. (orgs.) *Pistas do método da cartografia: pesquisa, intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

Rabaka Reinald. Teoria Crítica Africana *In: AFROCENTRICIDADE: Uma abordagem Epistemológica Inovadora*. SÃO PAULO: Selo Negro, 2009. cap. 5, p. 125-144. Disponível em:
<https://afrocentricidade.files.wordpress.com/2016/04/afrocentricidade-uma-abordagem-epistemologica-inovadora-sankofa-4.pdf>. Acesso em: 19 out. 2023.

RATTS, Alex. Os lugares da gente negra: temas geográficos no pensamento de Beatriz Nascimento e Lélia Gonzalez. In: SANTOS, Renato Emerson dos (Org.). Questões urbanas e racismo. Petrópolis: Dp Et Alii, 2012. p. 216-243. (Coleção Negras e Negros: Pesquisas e Debates).

SACK, Robert. D. O significado de territorialidade. In: DIAS, Leila Christina; FERRARI, Maristela. (Org.). Territorialidades Humanas e Redes Sociais. Florianópolis, Insular, 2011.

SANTOS, M. Por uma Geografia Nova. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978

SANTOS, Renato Emerson (ed.). Pequena África: um território negro na área central do Rio de Janeiro. In: TERRITÓRIOS Negros: patrimônio e educação na Pequena África. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022. cap. BRANQUEAMENTO DO TERRITÓRIO E DISPUTAS DE LUGAR NA PEQUENA ÁFRICA, p. 214-229. ISBN 978-65-89925-88-0 (recurso eletrônico). Disponível em: Digital_Territorios-Negros-Patrimonio-e-Educacao-na-Pequena-Africa%20mestrado%209.pdf. Acesso em: 4 dez. 2023.

SILVA, Leonardo Ângelo. A CLASSE TRABALHADORA TEM COR: DEMOCRACIA RACIAL E DESENVOLVIMENTISMO EM VOLTA REDONDA (1946-1987). **NORUS**, [S. l.], ano jan - jul 2016., v. v4, n. n.5, p. 1-24, 6 jun. 2016. DOI 2318 – 1966. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/sociologicos/article/view/3058/2450>. Acesso em: 10 out. 2023.

SILVEIRA, María Laura. Novos acontecimentos, novas territorialidades. In: DIAS, L. C. e FERRARI, M. (orgs.). Territorialidades Humanas e Redes Sociais. Florianópolis: Insular, 2013. p. 39-62.

SIMAS, L. A. *O corpo encantado das ruas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

Soares, Sidicley Entrevista concedida ao(o) autor(a). Volta Redonda. 3 jun. 2023

TAVARES, Júlio César de Souza. Dança da Guerra: Arquivo-Arma. Brasília, UnB, 1984 (Dissertação de Mestrado).